

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA



PATRÍCIA LIMA VERGARA

“UM POR TODOS, TODOS POR UM”:
A SOCIEDADE OPERÁRIA JAGUARENSE (1911-1948)

Jaguarão

2019

PATRÍCIA LIMA VERGARA

**“UM POR TODOS, TODOS POR UM”: A SOCIEDADE OPERÁRIA JAGUARENSE
(1911-1948)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Licenciatura em História Integral
Universidade Federal do Pampa-Campus
Jaguarão como requisito parcial para obtenção
do Título de Licenciatura em História.

Orientador (a): Dr. Caiuá Cardoso Al-Alam

Jaguarão

2019

PATRÍCIA LIMA VERGARA

**“UM POR TODOS, TODOS POR UM”: A SOCIEDADE OPERÁRIA JAGUARENSE
(1911-1948)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Licenciatura em História Integral
Universidade Federal do Pampa-Campus
Jaguarão como requisito parcial para obtenção
do Título de Licenciatura em História.

Orientador (a): Dr. Caiuá Cardoso Al-Alam

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e examinado em: ____/____/____

Banca examinadora:

Prof.^a Dr. Caiuá Cardoso Al-Alam

Prof.^a Dr.^a Cássia Daiane Silveira

Prof.^a Dr. Guinter Tlajja Leipnitz

AGRADECIMENTOS

Com a conclusão desta pesquisa, finalizo mais uma etapa do meu processo de graduação. Isto só se tornou possível graças à paciência, boa vontade, generosidade, e principalmente comprometimento de algumas pessoas, que aqui destaco.

Começo agradecendo a minha mãe Cleusa Regina, meu irmão José Ubirajara e minha filha Emanuely, por acreditarem que eu conseguiria completar esta trajetória, ao meu sobrinho Bruno Vergara e sua esposa Patricia Müller pela ajuda e boa vontade. A Daiane dos Santos Nunes da Rosa que me inscreveu neste curso, e muito me incentivou. As fontes primárias que utilizei na realização desta pesquisa encontram-se no acervo do Círculo Operário de Jaguarão, onde foi permitido meu total acesso graças aos senhores Magnum Patron Sória e José Carlos Vieira Martins. A eles o meu muito obrigado. Estendo os agradecimentos a todos os professores do curso de História, e em especial a professora Dr.^a Cassia Daiane Silveira, que através dos trabalhos aplicados em suas disciplinas, despertaram meu gosto pela pesquisa, também agradeço ao Cônego André Bortolucci Saggioro por conta de sua boa vontade e generosidade tornou possível o meu conhecimento sobre a Orden Premonstratense em Jaguarão.

Todos e todas que aqui mencionei, tiveram um papel fundamental nesta trajetória. Mas se hoje apresento esta pesquisa, é importante destacar o meu orientador, professor Dr. Caiuá Cardoso Al-Alam, Profissional comprometido e incansável, sempre me incentivando e acreditando que conseguiria vencer esta etapa quando, eu mesma não acreditava, meu sincero agradecimento. E por último, mas não menos importante, agradeço a Deus, em quem acredito e confio.

E um fato novo se viu
Que a todos admirava:
O que o operário dizia
Outro operário escutava.

E foi assim que o operário
Do edifício em construção
Que sempre dizia sim
Começou a dizer não.
E aprendeu a notar coisas
A que não dava atenção:

O OPERÁRIO EM CONSTRUÇÃO
Vinicius de Moraes, Rio de Janeiro, 1959

RESUMO

Esta pesquisa tem por objetivo caracterizar a Sociedade Operária Jaguareense. Para isto será necessário identificar seus propósitos, analisar as estratégias adotadas, compreender as redes de comunicação estabelecidas dentro e fora desta instituição, ou seja, entender como as propostas apresentadas por ela, afetavam a classe trabalhadora de Jaguarão. Esta Sociedade fundada no ano de 1911 tinha como princípio norteador, a assistência à classe operária. Esta instituição era composta por membros ligados a Igreja Católica e indivíduos pertencentes à classe trabalhadora jaguareense. Através das pesquisas existentes sobre Sociedades fundadas quando o Brasil era ainda uma monarquia, é possível identificar na Sociedade Operária Jaguareense, traços que se assemelham a estas instituições classificadas como Sociedades De Socorros Mútuos. Como por exemplo, o teor assistencialista, direcionado à classe operária, e a participação ativa da Igreja Católica, aqui representada nesta instituição pela Ordem Premonstratense. A classe trabalhadora é o público alvo desta Sociedade. Os projetos desenvolvidos por ela são direcionados a esta classe que assim como a do restante do Brasil, vivia à margem da sociedade, sem visibilidade, separados dos grupos que usufruíam de direitos sociais e políticos. A proclamação da República não criou possibilidades de crescimento social, político, econômico ou cultural aos trabalhadores. Não houve por parte do Estado a constituição de políticas públicas voltadas a esta classe que por sua vez não permaneceu desmobilizada, ao cenário em que se encontravam, pelo contrário eram atuantes na luta por seus direitos sociais e trabalhistas. Uma das formas de mobilização desta classe que viabilizavam suas lutas eram justamente organizações ou instituições que se dispunham a auxiliar estes trabalhadores. O objeto desta pesquisa é a Sociedade Operária Jaguareense e pretendo caracterizar seu perfil e funcionamento.

Palavras-chave: Classe Operária; Igreja Católica; Sociedades Mutualistas.

RESUMEN

Esta investigación tiene como meta caracterizar la Sociedad Operária Jaguareense. Para que esto sea posible será necessário identificar sus propósitos, analizar las estrategias adoptadas, comprender las redes de comunicación establecidas dentro y fuera de este instituto, o sea, entender como las propuestas presentadas por ella, modificaban la clase trabajadora de Jaguarón. La sociedad fundada em el año 1911 tenía como principio fundamental, dar asistencia a la clase operaria. El instituto era compuesto por miembros vinculados a la Iglesia Católica y personas que pertenecían a la clase trabajadora jaguareense. A partir de encuestas já realizadas sobre otras sociedades fundadas cuando el Brasil era todavía uma monarquía, es posible identificar en la Sociedad Operaria Jaguareense, vestígios que la asemejan a estos institutos, clasificados como Sociedades de Socorro Mútuo. Como por ejemplo el viés asistencialista, dirigido a la clase operaria y la participación activa de la Iglesia Católica, representada aquí por la orden Premonstratense. La clase trabajadora es el público blanco de esta sociedad. Los proyectos desarrollados por ella son direccionados específicamente para esta porción del pueblo que, así como en el resto del Brasil, vivía al margen de la sociedad, invisible, aparte de los grupos que disfrutaban de derechos sociales y políticos. La proclamación de la República no garantiza la posibilidad de crecimiento social, político, económico o cultural de los trabajadores. No hubo por parte del Estado, la implantación de políticas públicas direccionadas para atender las necesidades de esta clase. Pero ella tampoco permaneció inactiva. Por el contrario, frente a las circunstancias adversas em que se encontraban, se unieron em la lucha por sus derechos sociales y mejores condiciones de trabajo. Uma de las formas de activismo disponible em este contexto, es justamente organizar institutos de esta índole para ayudar a los trabajadores que necesitaran. El centro de mi investigación es la Sociedad Operaria Jaguareense y pretendo dissertar sobre su perfil y funcionamiento.

Palavras clave: Clase operaria; Iglesia Católica; Sociedades Mutualistas.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 Sociedades de Socorros Mútuos.....	17
2.1 A Diversidade do trabalho em Jaguarão.....	22
2.2 A Ordem Premonstratense em Jaguarão.....	28
3 Sociedade Operária Jaguareense.....	34
4 CONCLUSÃO	46
REFERÊNCIAS.....	50
ANEXO.....	52

1. INTRODUÇÃO

Na segunda metade do século XIX e início do século XX o cenário político, social, cultural e econômico no Brasil passou por modificações. Dentre os elementos responsáveis por estas modificações podemos apontar a Proclamação da República, o fim do trabalho escravo, a industrialização, a vinda dos imigrantes. Estes são fatores que contribuíram para a mobilização da classe trabalhadora¹. Para atender as demandas desta classe formaram-se instituições representativas de seus interesses.

Estas instituições tinham por finalidade dar suporte aos trabalhadores já que não existiam políticas públicas voltadas às classes trabalhadoras visto que era o começo de uma nova fase da história brasileira.

Na conjuntura do início da República, tudo estava para ser feito no Brasil em termos da organização dos trabalhadores, ate então inibida pela persistência da escravidão, que, entre suas consequências, incluía a desqualificação do trabalho manual, impedindo a afirmação do operário enquanto cidadão, dono de direitos na sociedade civil e, enquanto produtor, dono da mercadoria trabalho, reivindicando aumentos salariais e melhores condições de trabalho (LONER, 2001, p. 404-405).

Podemos citar entre estas instituições, que visavam dar auxílio a classe trabalhadora, as Sociedades de Socorros Mútuos, ou como Adhemar Lourenço da Silva Jr. denomina, “mutualistas”. Estas tinham classificações diversificadas, por terem propósitos diferenciados, poderiam ser recreativas, beneficentes, étnicas e as classistas, entre outras. Em síntese, as mutuais segundo Marcel van der Linden (1996, p. 13-14.) eram “ [...] associações formadas voluntariamente com o objetivo de prover auxílio financeiro a seus membros em caso de necessidade”. (SILVA JR., 2004, p. 17).

Os Sindicatos também tinham o propósito de auxiliar o operariado a se organizarem enquanto classe trabalhadora no final do século XIX, contando com a contribuição dos imigrantes que possuíam experiência com o trabalho assalariado e com práticas sindicalistas, em seus países de origem. Batalha (2008, p. 166) ressalta que “a maioria dos imigrantes provinha do campo, e na maioria das vezes não tinha qualquer experiência prévia de engajamento sindical ou político, porém não descarta a existência desta troca de experiências.

¹ O conceito de classe trabalhadora não será explorado com profundidade neste trabalho, por entender que há vários trabalhos de pesquisas sobre o assunto, o objetivo do trabalho é identificar instituições, é analisar as práticas adotadas por elas com finalidades de auxiliar a classe trabalhadora.

No Rio Grande do Sul, na esteira do processo de industrialização e urbanização, os primeiros Sindicatos foram fundados em 1910 (DIEHL, 1990, p. 25). Dentro deste contexto de formação de classe operária, da negativa do Estado em oferecer políticas públicas que garantissem aos trabalhadores assistência médica, educacional, condições de trabalho dignas, e qualificação para o trabalho, formaram-se “ [...] as sociedades de socorros mútuos, se não foram contemporâneas, antecederam cronologicamente a criação de associações de tipo sindical e grupos socialistas” (SILVA JR, 2008, p. 410)

A Igreja Católica através da encíclica *Rerum Novarum*² do papa Leão XIII entra em cena nesta conjuntura com o objetivo de interceder junto às classes burguesas e ao Estado por melhores condições de vida, de trabalho, acesso à educação e saúde para o conjunto de trabalhadores. Segundo Astor Diehl, “A questão social, no final do século XIX, na visão da igreja, mostrou as falhas ao mesmo tempo da moral e da competência do Estado na resolução do problema da relação capital trabalho” (1990, p. 16).

Algumas Sociedades de Socorros Mútuos, contavam com a participação da Igreja Católica, porém outras eram ignoradas por ela “ [...] a Igreja Católica era indiferente às sociedades de socorros mútuos, a menos que estas envolvessem esforços de afirmação identitária anticatólica, e isso parece ter ocorrido pouco no Rio Grande do Sul. Em contrapartida, a Igreja era favorável, quando envolviam esforços de afirmação indenitária católica”. (SILVA JR, 2004, p. 394)

No Rio Grande Do sul, em 1882 existiam 33 mutuais, chegando a 1942 com 149 instituições. Dentre estas mutuais podemos citar as Sociedades Mutualistas e Beneficentes,

São aquelas entidades que congregavam pessoas da mesma ou diferenciada classe, etnia ou profissão, com o objetivo de assegurar o socorro aos seus sócios, através de um sistema de quotização interna. Os benefícios oferecidos variavam, havendo

² Papa Leão XIII (1810-1903). A *Rerum Novarum* manifesta objetivamente o ideal corporativo, construído a partir da intervenção de teóricos legitimistas e católicos. Toda a questão retorna ao ensejo em torno da Revolução Industrial, quando da consolidação do individualismo liberal. O corporativismo da Igreja se desenvolve a margem da modernização econômica, tentando soluções por meio da harmonização entre as partes envolvidas: o empregado e o empregador. “Propõe a solução da ‘questão operaria’ através dos elementos intermediários, como a família, a corporação profissional e a descentralização da sociedade, estes seriam os remédios dos problemas sociais. (DIEHL, 1990, p. 8)

algumas que ofereciam auxílio para doença ou enterro, forneciam atendimento médico e remédios. Algumas delas também contribuía com um pecúlio a família do sócio falecido. Essas entidades foram as primeiras a serem formadas pelos operários com um sentido de defesa mútua.” (LONER, 2001, p. 97).

Dentro desta conjuntura, em Jaguarão no ano de 1911, foi fundada a Sociedade Operária Jaguareense. Esta instituição se propunha a auxiliar o operariado, e teve entre seus fundadores, pessoas pertencentes a classe trabalhadora da cidade à Igreja Católica.

A história da Sociedade Operária Jaguareense é por muitos desconhecida, já que ela foi até o momento apenas mencionada de maneira superficial em alguns trabalhos como de Adhemar Lourenço da Silva Jr. que em sua tese de doutorado faz referência a esta entidade.

Já em Jaguarão, uma sociedade bem menor, a associação parecia mais eficiente para implementar o catolicismo, porque a Sociedade Beneficente Operária Jaguareense fora fundada em 1911 e em 1913 contava com 215 membros. Seguindo a interpretação contemporânea, era entidade na quais “certos padres interesseiros” introduziam o “espírito religioso” e possivelmente existiu até 1939” (SILVA JR, 2004, p. 390)

A Federação dos Círculos Operários do Rio Grande do Sul³ em sua página faz uma breve menção a Sociedade Operária Jaguareense.

Em uma Assembleia Geral, ocorrida no dia 31 de dezembro de 1911, às 21 horas, numa das salas do Ginásio Espírito Santo, foi fundada a Sociedade Operária Jaguareense pelo cônego Godofredo Evers da Ordem dos padres premoatenses, que dirigiram o mencionado ginásio em Jaguarão.

A finalidade principal era congregar os operários de todas as profissões, prestar-lhes auxílio na medida do possível e fomentar, sobretudo o espírito cristão entre as classes trabalhadoras. Ainda em 1912 o Sr. Hermenegildo Joaquim Corrêa se propôs a ceder um local para a 1ª sede da Sociedade, na avenida “20 de setembro” e foi considerado benemérito da sociedade. Neste mesmo ano foi criada uma bandeira, doada pelo Sr Miguel José Squeff, até hoje conservada como relíquia.” (Retirado do site: www.fcors.com.br)

Não há estudos específicos sobre esta Sociedade, fundada em um período onde a identidade da classe operária brasileira estava em processo de construção, e tanto o Estado quanto a Igreja, trabalhavam por sua doutrinação, embasados na defesa dos “princípios católicos e anticomunistas” (DIEHL, 1990, P. 29).

Com base nos interesses que permeavam a formação da identidade da classe operária brasileira com um todo, surgem alguns questionamentos a respeito desta Sociedade.

³ A Federação dos Círculos Operários do Rio Grande do Sul – FCORS foi criada em 26/10/1935 pelo Padre Jesuíta Leopoldo Brentano, com o intuito de auxiliar os Círculos Operários no desenvolvimento de suas práticas e de contribuir na construção do Movimento Circulista do Rio Grande do Sul.

Quais os princípios ideológicos que norteavam esta Sociedade? Quais eram os métodos adotados por ela para auxiliar a classe operária em Jaguarão? Como eram colocados em prática estes auxílios?

O estudo desta Sociedade se torna relevante à medida que desvenda as estratégias utilizadas na tentativa de forjar uma identidade de classe operária dentro dos padrões aceitáveis pela burguesia, e pelo Estado.

Estavam em curso a construção de estratégias de controle da classe trabalhadora a fim de evitar que entrassem em conflito com os interesses patronais. A classe operária era formada por pessoas de diferentes grupos étnico-raciais, isto dificultava o entrosamento da identidade de classe, pois tinham como barreira o idioma. Mas este fato não impedia que se organizassem como coloca Beatriz Loner:

Esses fatores, entretanto, não eram totalmente inibidores de uma ação integrada ou unitária, em questões pontuais, como greves e mobilizações, ou com respeito ao associativismo classista (LONER, 2001, p. 405)

Uma cidade que crescia economicamente necessitava de um número expressivo de trabalhadores e que abrangessem as mais variadas áreas. Instituições foram se formando com os mais variados propósitos dentre eles o de suporte a esta classe trabalhadora, já que o governo deixava a desejar em políticas públicas que garantissem condições dignas de trabalho, acesso a educação, saúde e lazer.

[...] é importante ter a compreensão de que a maioria da população não tinha acesso em boa parte dos benefícios oriundos da parte cultural, uma vez que a maioria era analfabeta, fato comum nesta época, no Brasil, além de não possuir boas condições econômicas. Esta situação perdurou no século XX, alimentando inclusive os preconceitos raciais e sociais, abrindo algumas exceções, quando em algumas apresentações mais populares no Teatro Esperança e em trabalhos de entidades sociais e religiosas, possibilitava-se uma participação maior dos munícipes, sobretudo das camadas mais pobres (MACHADO, 2016, p. 46)

Foram fundadas instituições que se propunham a dar esse suporte, cada uma delas com objetivos e interesses específicos, caso do objeto de estudo deste trabalho.

Esta pesquisa tem por objetivo caracterizar a Sociedade Operária Jaguareense, e terá como marco temporal os anos de 1911 a 1948, quando esta Sociedade filia-se a (FCORS) Federação dos Círculos Operários do Rio Grande do Sul. Através da análise de suas atas pretende-se compreender as estratégias adotadas por esta instituição, identificando como eram colocadas em prática, por quem e para quem eram realizadas.

Diversos tipos de instituições associativas foram criadas com o objetivo de oferecer ao trabalhador práticas de assistência nas áreas da educação, recreação, assistência à família quando em caso de falecimento ou acidente do trabalhador, dentre outras. Estas sociedades prestavam auxílio quando não havia ainda por parte do Estado políticas públicas que dessem conta das necessidades da classe trabalhadora.

Algumas pesquisas apontam ainda Sociedades Mutualistas como instituições de iniciativa privada voltadas para o setor público. Como “[...] associações formadas voluntariamente com o objetivo de prover auxílio financeiro a seus membros em caso de necessidade” (SILVA JR., 2004, p. 17)

Porém, ainda carecem de estudos sobre estas sociedades mutuais, e que no caso do Brasil, vislumbramos os trabalhos feitos por pesquisadores como Adhemar da Silva Lourenço Júnior, Cláudio Batalha, e Ana Beatriz Loner. Em 2004, Adhemar L. Silva Júnior ainda argumentava que mesmo o tema tendo sido disseminado como objeto histórico, ainda havia poucos estudos no âmbito dos países (SILVA JR, 2004, p. 19).

As estruturas sociais durante a Monarquia, e que persistiu na Primeira República, tinham em comum a exclusão da classe trabalhadora, estes por sua vez encontravam amparo nas instituições que ofereciam auxílio, “em caso de doença ou morte, de amparo à família, a educação aos filhos e sua socialização” (LONER, 2001, p. 94).

Estas associações podiam ser Sociedades Mutualistas e Beneficentes “[...] são aquelas que congregavam pessoas mesma ou diferenciada classe, etnia ou profissão, com o objetivo de assegurar o socorro a seus sócios, através de um sistema de quotização interna” (LONER, 2001, p. 97).

Dentro das sociedades mutualistas e beneficentes, encontramos subgrupos de entidades que variavam de acordo com as funções que se dispunham a desempenhar, por exemplo, as Sociedades Recreativas, que serviam a dois propósitos, como o próprio nome sugere elas eram voltadas as práticas ligadas à recreação, e também a “representação de categorias ou grupos étnicos” (LONER, 2001, p. 112-113).

Outro exemplo seria as Entidades Bailantes, que tinham como princípio básico a realização de bailes, “[...] podiam ter sede própria ou funcionar junto à outra entidade, o que permite tecer a rede de relações entre os diversos tipos de associações. Algumas destas

associações desenvolviam grupos de teatro ou ofereciam jogos de salão para desfrute de seus associados” (LONER, 2001, p. 113).

Existiam também as Entidades Carnavalescas, que em sua maioria “[...] teve vida efêmera, durando o tempo de um carnaval ou pouco mais, especialmente nas décadas de 20 e 30 deste século”, algumas destas entidades, empenhavam-se na luta pela abolição (LONER, 2001, p. 118-119).

Por último, as Entidades Religiosas, pois mesmo que a Igreja já não ocupasse perante os olhos do Estado um lugar privilegiado, ela continuava a exercer sua autonomia sob alguns grupos. Sua “[...] influência continuou a ser fortemente sentida entre os operários, especialmente entre alguns grupos de imigrantes, como os italianos, e grupos nacionais, como os negros” (LONER, 2001, p. 150).

Em Jaguarão a Sociedade Operária Jaguareense, teve como objetivo prestar assistência aos trabalhadores, como podemos observar abaixo em trecho de ata em que definem seus objetivos.

Não só deveriam cuidar do operariado físico, moral e socialmente, mas, também espiritualmente não esquecendo-nos do operário depois de sua morte não teríamos modo mais proveitoso para o sócio subtraído desta terra, do que mandando celebrar uma missa pelo eterno descanso de sua alma⁴.

Para caracterizar a Sociedade Operária Jaguareense, será utilizada bibliografia que aborde o desenvolvimento da classe trabalhadora e das estratégias adotadas seja pela iniciativa pública ou privada, para atender suas demandas. A fim de compreender a organização da classe operária utilizarei trabalho de Ana Beatriz Loner, chamado, “Construção de Classe, Operários de Pelotas e Rio Grande (1888 -1930)”. Neste trabalho, Loner descreve como o movimento operário se organizou nas cidades de Pelotas e Rio Grande, buscando seus direitos, nesta luta consolidando sua identidade de classe.

No início os trabalhadores ainda estavam divididos e parcialmente isolados, pela raça, etnia língua, qualificação para o trabalho e outros fatores que impediam, ate certo ponto, sua integração, enquanto classe. Foi necessário um lento trabalho de costura e assimilação desses vários elementos componentes da classe trabalhadora, ao mesmo tempo em que se procediam às lutas comuns e se batalhava quotidianamente pela sobrevivência, buscando unificar-se esse amplo e disperso conjunto de indivíduos (LONER, 2001, p. 405).

⁴ Acervo Do Círculo Operário. Livro de Atas da S.O. J, 1911, p. 7.

Outro trabalho importante é do Astor Antônio Diehl que no livro chamado “Círculos Operários no Rio Grande do Sul” trabalhou a questão das relações entre Igreja, Estado e classe trabalhadora, importante referencial para contrastar com as relações entre estas instituições na cidade de Jaguarão.

Astor Antônio Diehl retrata a decadência das relações entre Igreja e Estado, logo após o decreto de 7 de janeiro de 1890 onde a Igreja Católica deixava de ser a religião oficial do Estado Nacional Brasileiro. Em decorrência deste decreto foi publicada a primeira Pastoral Coletiva da República em 19 de março de 1890. Seus principais pontos foram a obrigatoriedade do casamento civil antes do religioso, laicização dos cemitérios, proibição do ensino religioso nas escolas entre outros elementos.

Com as relações abaladas, a Igreja Católica adota estratégias para recuperar seu espaço. Estas estratégias estão ligadas diretamente a classe trabalhadora, constituindo naquele momento um espaço possível de ação social para alcançar seus propósitos.

Havia uma carência de clérigos. Roma trouxe para si a responsabilidade de fortalecer o fraco clero que fora formado no império. Foi enviado ao Brasil um enorme contingente de padres e freiras europeus com a finalidade de fundar colégios, obras de caridade e assistência social, além de uma grande quantidade de missionários (DIEHL, 1990, p. 27).

O trabalho de Adhemar da Silva Jr. chamado “As sociedades de socorros mútuos: estratégias privadas e públicas (estudo centrado no Rio Grande do Sul–Brasil, 1854-1940)” é também referencial para este texto. Este autor faz uma descrição das Sociedades Mutuais, que servirá de referencial no objetivo de caracterizar a Sociedade Operária Jaguareense, através das estratégias adotadas por ela para beneficiar a classe trabalhadora.

Silva Jr. argumenta que estas sociedades existiram em vários países, elas poderiam ser reconhecidas como uma espécie de seguradora, onde era dado a seus sócios uma assistência quando estes estavam desempregados, por exemplo, ou como uma espécie de sindicato de uma determinada área profissional como a dos médicos. Também poderiam ser reconhecidas como instituições que davam apoio a pessoas de grupos étnico raciais para ajuda-los na inclusão social, negros libertos ou imigrantes por exemplo. Segundo o mesmo autor.

Não obstante, é na discussão dos pré-requisitos que aparecem na bibliografia afirmações ou menções sobre a relação das mutuais com formas corporativas de organização do trabalho? Com maior ou menor influência religiosa (SILVA JR. 2004, p. 90)

Com a finalidade de compreender a instituição que fundou a Sociedade Operária Jaguareense, no caso a Ordem Premonstratense⁵, farei um breve relato sobre esta instituição e suas práticas assistencialistas desenvolvidas na cidade. Para o desenvolvimento desta pesquisa serão utilizadas como recursos as fontes disponíveis no Círculo Operário de Jaguarão que descrevem com riquezas de detalhes, algumas propostas e a aplicação das mesmas. Também através delas é possível analisar a trajetória desta sociedade e de alguns de seus membros. Por exemplo, atas, fotografias, jornais, correspondências expedidas.

Esta monografia será dividida em dois capítulos, no primeiro capítulo irei tratar das sociedades de socorros Mútuos, para entender como funcionavam como se classificavam e quais seus propósitos. No primeiro subcapítulo, A Diversidade do Trabalho em Jaguarão, pretendo expor como se dava o desenvolvimento na cidade de Jaguarão na tentativa de reconhecer o espaço ocupado pelo trabalhador jaguareense. Utilizarei também pesquisas e relatórios produzidos pelo censo entre as décadas de 1900 a 1945 no Rio grande do Sul. No segundo subcapítulo descreverei como esta Ordem chegou a Jaguarão e quais motivos a trouxeram para a cidade. Por fim no segundo capítulo, Sociedade Operária Jaguareense, procurarei descrever as características desta Sociedade, para assim classificá-la como uma Sociedade de Socorros Mútuos.

⁵ Utilizarei como recurso o livro do Conego Chantrain que traduziu um relatório escrito em flamenco em 1955, pelo conego Guilherme Adriaansen, averbodiense que atuou e viveu quase 50 anos no Brasil, sendo superior nos institutos Averbodiense de 1942 a 1953. Côn. Guilherme voltou a Averbode redigiu estas paginas a pedido da revista "Pikkelpoort" Esta e uma revista mensal de circulação interna que publicava as atividades dos averbodienses dentro e fora da Abadia.

2. As Sociedades de Socorros Mútuos

Neste capítulo serão abordadas as Sociedades de Socorros Mútuos e sua classificação, de acordo com os estudos realizados por obras como a de Ana Beatriz Loner (2001) e Adhemar Lourenço da Silva Jr. (2004). A descrição de elementos que formavam as Sociedades de Socorros Mútuos, como suas classificações, ou seja, que tipo de serviço ou vantagem que elas ofereciam aos trabalhadores, o perfil que deveriam ter seus sócios, o trabalho que se dispunha realizar para estes, quais eram os membros fundadores destas Sociedades de Socorros Mútuos, serão fundamentais para este trabalho. Assim, através desta análise, será possível identificar pontos em comum com a Sociedade Operária Jaguareense, objeto de nossa pesquisa, possibilitando compreender de quem e para quem eram voltadas suas práticas assistencialistas.

De forma objetiva as Sociedades de Socorros Mútuos podem ser definidas como " [...] associações formadas voluntariamente com o objetivo de prover auxílio financeiro a seus membros em caso de necessidade" (SILVA JR, 2004, p. 17). Mas como já dito acima, podem ter também outras finalidades.

Ana Beatriz Loner cita alguns tipos de Sociedades de Socorros Mútuos e a contribuição destas instituições na construção da identidade da classe trabalhadora. Dentre estas instituições temos as Sociedades Mutualistas e Beneficentes.

São aquelas entidades que congregavam pessoas da mesma ou diferenciada classe, etnia ou profissão, com o objetivo de assegurar o socorro aos seus sócios, através de um sistema de quotização interna. Os benefícios oferecidos variavam, havendo algumas que ofereciam auxílio para doença ou enterro, forneciam atendimento médico e remédios. Algumas delas também contribuía com um pecúlio a família do sócio falecido. Essas entidades foram as primeiras a serem formadas pelos operários com um sentido de defesa mútua (LONER, 2001, p. 97).

As Sociedades Mutuais no Brasil não tinham a mesma estrutura das mutuais de outros países, mas nem por isto são menos importantes no desenvolvimento do Movimento Operário. Os espaços de direção destas entidades eram constituídos por pessoas de diferentes ideologias, por exemplo, alguns apoiavam a greve e deixavam evidente sua luta contra a alta de preços, enquanto outros se mantinham mais reservados, nas estratégias de protesto público, o que não significava que não apoiassem as principais demandas da classe operária.

No Brasil encontravam-se, por exemplo: mutuais organizadas nas próprias indústrias que causavam descontentamento por parte dos trabalhadores, visto que eram descontados dos salários, taxas, que teoricamente voltariam para o trabalhador em forma de serviços. Serviços

estes considerados ineficientes. Mas o maior problema seria o fato destas mutuais terem como objetivo dificultar a organização dos trabalhadores. Sua diretora era composta, segundo Loner (2001, p. 99) pela direção da empresa, mestres e contramestres.

Em contrapartida também teríamos as mutuais formadas nas empresas por funcionários e dirigidas por eles próprios. Seu objetivo era auxiliar a organização operária, a caixa de socorros⁶ desta instituição. Ao contrário da citada acima, que usava o dinheiro para promover sua imagem social do bom patrão, estas utilizavam o dinheiro no investimento em armazéns cooperativos, causando assim uma baixa nos preços das mercadorias. Nem todas cooperativas deram certo, mas quando obtinham êxito, explica Loner (2001, p. 100) havia melhora na vida de seus consumidores.

A Liga Operaria e a SUO de Rio Grande tentaram estabelecer esses armazéns e, também, açougues cooperativos na década de 1890. Como empreendimento comercial, a maior parte dessas cooperativas fracassou devido ao pouco entusiasmo dos trabalhadores em cooperativar-se e pelo alto custo da inadimplência. Entretanto, quando conseguia vingar, essa iniciativa melhorava sensivelmente o nível de vida dos consumidores (LONER, 2001, p. 100).

Também podemos encontrar mutuais que persistem até os dias de hoje, como as organizadas por funcionários públicos, com exemplos em Rio Grande, onde existem duas associações "[...] a Mutualidade dos Funcionários Municipais, fundada em 1917 e hoje em dia se encontra na forma de sindicato e Sociedade Beneficente de Empregados Públicos fundada em 1929" (LONER, 2001, p. 101). Também existiram mutuais que se organizavam nos bairros onde se encontravam um maior número de operários, sociedades beneficentes, étnicas ou de nacionalidades. No Rio Grande do Sul encontravam-se mutuais de origem alemã e italianas, e no final da Segunda Guerra também as Sírío Libanesas.

As mutuais italianas eram voltadas às práticas nacionalistas, nos países onde eram fundadas elas se apoiavam nas ideias do político Mazzini e, também de liberais moderados contrários à Igreja Católica, tinham como objetivo ajudar a sociedade que se encontrava em abandono. As mutuais Italianas tinham preocupações com o bem-estar espiritual e material da sociedade, mas também demonstravam adeptas de um discurso fascista. As mutuais tinham sócios dirigentes que tinham importantes cargos políticos obtidos justamente por pertencer a uma mutual.

⁶ A caixa de socorros era onde guardavam o dinheiro arrecadado. Este dinheiro poderia ser adquirido através das multas aplicadas aos trabalhadores pelos patrões, no caso de indústrias, ou através de mensalidades pagas pelos sócios ou doações, se forem instituições beneficentes, variando de acordo com seus estatutos.

Estas mutuais fundavam escolas e davam manutenção às existentes. Para isto promoviam eventos com bailes e quermesses onde arrecadavam fundos. As mutuais podiam ser formadas por portugueses, italianos, franceses, alemães, cada uma delas tinha sua maneira de se fazer representar seja de maneira mais intensa, caso das italianas e portuguesas, optando por uma visibilidade social mais ativa, ou de maneira mais discreta como as francesas e alemãs. Os acontecimentos ocorridos no país de origem dessas mutuais refletiam no Rio Grande Do Sul. Por exemplo, os integrantes das mutuais alemãs sofriam severos ataques por conta da Primeira Guerra Mundial, e os integrantes das mutuais italianas ganhavam apelidos xenofóbicos, encontrando dificuldades de sobreviver devido suas diferenças nacionais.

Sabe-se que eram intensos os contatos entre as sociedades italianas dos diversos países. A própria União e Philantropia, já em 1876 tinham estabelecido convênios com as sociedades: Unione e Benevolenza, da conceição do Uruguai: Unione Benevolenza de Buenos Aires; Mutuo Socorro fra gli Operai Italiani, de Montevideú; Unione e Beneficenza de Flores; Socorro Mútuo, Unione e Beneficenza de Bagé (LONER, 2001, p. 109).

As sociedades beneficentes de composição étnica eram constituídas por pessoas das mais variadas classes sociais, unidas por sua cultura e pelo pensamento. Esse fato acabou por prejudicar a integração dessas pessoas na sociedade brasileira. Com o passar do tempo esses indivíduos foram perdendo o vínculo com sua terra natal e gradualmente laços foram criados com sociedade a brasileira. Também além das obras de benemerência, formaram-se também os clubes sociais, recreativos e de atividades esportivas. Estas associações serviam ao propósito de integração destes indivíduos. A Maçonaria marcou sua presença na formação de muitas instituições beneficentes, “As lojas maçônicas participavam ativamente do processo de abolição da escravidão, mobilizando-se também a favor da Proclamação da República e, após esses eventos, dirigiam sua atenção para a educação, criando escolas e aulas noturnas”. (LONER, 2001, p. 154).

Havia muitas associações como se pode observar através de alguns exemplos já citados, cada uma com suas potencialidades. Dentre elas, as que interagiam em meio às classes trabalhadoras, de forma mais intensa, eram as maçônicas, e as religiosas, e as patronais que no caso eram o lado oposto.

As Entidades patronais são instituições, como se percebe pelo próprio nome, compostas por patrões, proprietários rurais, gerentes ou mestres de fábricas sua formação se deu devido às dificuldades que a indústria agrícola, pecuária e de charqueada passavam em decorrência da distribuição de impostos (LONER, 2001, p. 145).

Estas instituições possuíam jornais, bibliotecas e articulavam suas ideias através de palestras e conferências. Utilizavam desses meios de comunicação para desenvolver o associativismo na região do Rio Grande do Sul. Tinham como finalidade juntar forças para defender seus interesses no setor industrial, criando uma federação que uniria todas as associações, não contavam, porém com o embate causado por divergência de necessidades, ou seja, as medidas necessárias para garantir o crescimento econômico de um grupo, não eram as mesmas para outro, exemplo: os representantes industriais defendiam o fim da escravidão algo que para os charqueadores causaria prejuízo e ao mesmo tempo os representantes das indústrias lutavam para continuar atuantes no meio econômico já que competiam com os produtos importados de outros países. Afirma Loner (2001, p. 146) que “cada setor acabou por travar suas respectivas lutas optando por uma representação específica de categorias.

Adhemar Lourenço Da Silva Jr descreve características presentes nas Sociedades mutuais como seu caráter voluntário, e também deixa claro sua crítica aos estudos que não fazem referência às mutuais e seu papel assistencialista no campo da saúde. Na falta de políticas públicas voltadas a prestar assistência à saúde do trabalhador, competia às sociedades de Socorros Mútuos prestar este auxílio aos seus sócios.

Sim, chega a ser surpreendente que um recente trabalho sobre a relação da ideia de saúde com o movimento operário no Brasil seja incapaz de mencionar, uma única vez, o mutualismo, talvez porque ambas as tradições historiográficas – a de estudos de saúde e a de estudos sobre classe trabalhadora e movimento operário – não tenham, de fato, incorporado às sociedades de socorros mútuos a seus fenômenos de interesse. Ou então se chega ao ponto de um caderno específico sobre mutualismo e saúde historie a assistência à saúde no Brasil sem qualquer menção às sociedades de socorros mútuos (SILVA JR, 2004, p. 21).

As Sociedades de Socorros Mútuos variavam de acordo com o trabalho que desenvolviam. Algumas ofereciam auxílio financeiro a seus membros quando estes estavam desempregados, também prestavam auxílio as famílias quando o trabalhador vinha a falecer, confortando a família, e realizando os atos de sepultamento do falecido. Outras intercediam junto aos empregadores para assegurar os direitos dos trabalhadores. Também havia aquelas que ofereciam serviços de saúde e ainda as que se destinavam a alfabetização. Estas instituições como já foram mencionadas, são anteriores aos sindicatos, e não desapareceram após seu surgimento. No Rio Grande do Sul, essas mutuais aparecem dispostas a resolver problemas de interesse coletivo, agindo como uma forma de previdência ou assistência privada segundo Silva Jr:

Entidades do Rio Grande do Sul, mesmo que persistam com caráter algo diferenciado, ainda hoje comporiam 20% das associações de previdência privada

filiadas a uma associação brasileira, sendo 2/3 daquelas sem fins lucrativos (SILVA JR, 2004, p. 29).

As sociedades mutualistas, também serviam como espaços onde o foco das disputas era a formação de uma ideologia, que afastasse a classe operária de pensamentos e ações consideradas comunistas. Importante enfatizar, que o movimento operário avançava na luta não só por seus direitos trabalhistas, mas também por reconhecimento de direitos sociais.

Outro dos efeitos do interesse no caráter “mútuo” da ação das associações é o foco no tema em busca dos meios de expressão, criação ou reprodução de identidades sociais. Conquanto isso pareça ser mais evidente em estudos sobre o mutualismo de grupos étnicos, o mutualismo de grupos de trabalhadores também é focalizado como instância de construção de identidade (SILVA JR, 2004, p. 32).

Silva Jr. fez um levantamento onde aponta o crescimento das Sociedades de Socorros Mútuos no Rio Grande do Sul e em seu inventário, são apontadas em Jaguarão o número de seis mutuais para o ano de 1871 Sendo que em 1940 estimasse que fosse composta por 446 sócios, ele não cita o nome dessas mutuais apenas as cidades onde se encontravam destaquei apenas o número destas mutuais presentes em Jaguarão.

São exatamente divergências de tonalidade na explicação sobre a rápida expansão – se devido ao caráter assistencial, à função pedagógica e de aproximação da Igreja com os leigos, ao anticomunismo – e ao amplo programa de ação minuciosamente explicitado, mas, na prática, pouco efetivo, que me permitiriam excluir os Círculos do inventário, sem deixar de, eventualmente, tomá-los como concorrentes das mutuais (SILVA JR. 2004, p. 75).

Este subcapítulo tem o objetivo de conhecer estas associações e seu funcionamento, identificando seus interesses. No entanto, não há como deixar de salientar que estas sociedades possibilitaram a luta não só por direitos trabalhistas, mas também sociais. Como citado acima, as Sociedades de Socorros Mútuos se distinguiram de acordo com seus propósitos, algumas ofereciam propostas voltadas a educação, outras cultura e lazer, havia aquelas sociedades que se organizavam por classe, por etnia, constituindo espaços propícios para a socialização e favorecendo a troca de ideias, que foram úteis na construção de valores, na busca por reconhecimento de direitos. As associações criadas foram espaços fundamentais na busca por direitos, a troca de experiência, o sentimento de não estar sozinho em uma luta, oportuniza o crescimento ideológico, levando os membros à inserção no mundo político “que em grande medida não dependia das normas legais que regiam a política formal” (BATALHA, 2008, p. 180)⁷.

⁷ O tempo do liberalismo excludente da proclamação da República à Revolução de 1930/organização Jorge Ferreira e Lucília de Almeida Neves Delgado -8ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.-(O Brasil Republicano; v.1).

2.1 A diversidade do Trabalho em Jaguarão

Este capítulo tem como objetivo identificar um pouco as características do mundo do trabalho e seu desenvolvimento na cidade, dando suporte para a análise da Sociedade Operária Jaguareense.

Jaguarão foi fundada em 1802, e nesta época, uma das práticas econômicas que mais se desenvolvia na cidade era as charqueadas. A atividade saladeiril movimentou grande número de trabalhadores, a maioria ⁸escravizados que trabalhavam sob um regime de severa vigilância.

[...] Jaguarão desde sua fundação, em 1802, estabeleceu-se como importante polo charqueador do Rio Grande do Sul, além de também dedicar-se a criação de gado vacum para abastecimento das Charqueadas de Pelotas. Inclusive, charqueadores pelotenses chegaram a possuir estâncias em Jaguarão para abastecimento de suas atividades produtivas em Pelotas. Gustavo da Silva Gulate assinala que entre 1802 e 1834 funcionaram pelo menos quatro charqueadas às margens do rio Jaguarão, na região homônima (CEREDA, 2017, p. 31).

É necessário enfatizar que a escravização assim como em todo território nacional também se fez de forma marcante e cruel na cidade de Jaguarão. Africanos e seus descendentes foram a mão de obra utilizada nos mais diversos trabalhos, desenvolvidos nas charqueadas, na zona rural e urbana em tempos de paz e guerra. E foi pela " [...] orla do rio Jaguarão onde pela antiga área portuária, ao longo do século XIX, registrou-se o ingresso de considerável número de escravos, advindos de distintas regiões da África" (AL-ALAM; LIMA, 2013, p. 261-262).

Com o fim do trabalho escravizado, o controle sobre o trabalhador persistiu de maneira severa. Cereda enfatiza em sua pesquisa a lógica da substituição do feitor, pelo capataz, "[...] simbolicamente o capataz-feitor era a base da reprodução do escravismo, o capataz no mundo do trabalho, onde a força de trabalho é uma mercadoria, possui um papel central no controle do trabalho social" (CEREDA, 2017, p. 61). Todavia, em um espaço de tempo de 98 anos, Jaguarão obteve expressivas modificações.

[...] Em 1900 haviam diversos novos estabelecimentos comerciais na cidade, alfaiatarias, barbearias, farmácia, ferragens, hotéis, botequins, lojas de tecidos,

⁸Jaguarão tinha sua economia centrada no latifúndio, na pecuária, nas charqueadas e na ampla utilização de mão de obra escravizada. (CEREDA, 2017, p. 103).

padarias, sapatarias e comercio de campanha, além de estabelecimentos manufatureiros como armadores, correarias, curtumes, fábricas de vela e sabão, fábrica de veículos, ferrarias carpintarias, marcenarias, tamancarias, tipografias e as charqueadas (DOSSIÊ TOMBAMENTO JAGUARÃO, 2010, p. 136).

Em 1900 Jaguarão não possuía luz elétrica, problema que começou a ser resolvido ainda neste ano quando foi cedido pela Intendência o terreno onde a Companhia de Luz Elétrica foi construída. Esta ficava nas margens do rio Jaguarão: “Em 14 de julho de 1901 a Companhia foi inaugurada, e em 1903 chegaram os telégrafos.” (DOSSIÊ TOMBAMENTO JAGUARÃO, 2010, p. 137-138).

Jaguarão estava em desenvolvimento, o que não abrangia a realidade dos trabalhadores que trabalhavam sob severo controle, sem folga e ganhando o que os patrões achavam que lhes deviam pagar. Em entrevista a Allan Cereda, o Sr. Aradir relembra o tempo em que seu pai trabalhava, sem poder reclamar de nada, “os coronel” mandavam e os trabalhadores eram “praticamente escravos” (CEREDA, 2017, p. 61). Levando em consideração que o pai do Sr. Aradir trabalhou na charqueada São Pedro, “[...] fundada em 1848, que funcionou até meados da década de 1930 e 1940” (CEREDA, 2017, p. 103), cálculo que seu pai trabalhava nas charqueadas entre a segunda ou terceira década do século XX. Este dado é relevante a esta pesquisa por nos dar uma dimensão da estrutura sob a qual os trabalhadores estavam inseridos em Jaguarão, sem qualquer direito, contando apenas com o julgamento que seus patrões faziam de seu trabalho, para sustentar suas famílias.

Os censos realizados no Rio Grande do Sul entre os anos de 1900 a 1950⁹ nos indicam quantos trabalhadores encontravam-se em Jaguarão e onde desempenhavam suas funções. Em 1900 a população total de Jaguarão era de 12, 112 habitantes, em 1920 contava com 14.000 habitantes distribuídos entre a zona rural e urbana sendo que estavam distribuídos na “zona urbana 11.000 pessoas, e na zona rural 3.000 habitantes” (CENSO FEE, 1981, p. 127). Em 1940 a população era de 15.704 habitantes, e dentre as áreas de trabalho citadas as profissões intituladas como “diversos”, que englobam os trabalhadores que trabalhavam por conta própria, ou seja, aqueles que por opção ou falta de escolha encontraram nestas atividades uma forma de manter a si mesmos e suas famílias, sem vínculos com uma empresa ou empregador. O que chama atenção é o alto número de trabalhadores que compartilham

⁹ Fundação de Economia e Estatística. De Província de São Pedro a Estado do Rio Grande do Sul - Censos do RS 1303-1950. Porto Alegre, 1981.

desta experiência: “[...] inclui pessoas que vivem de suas rendas, serviços domésticos, profissões mal definidas, profissões não declaradas e sem profissão.” (FEE, 1981, p. 124).

Tabela 1- Relação área de ocupação e trabalhadores

Áreas de Atividade	Exploração do Solo	Extração de Materiais Minerais	Indústrias	Transportes	Comércio	Força Pública	Administração	Profissões Liberais	Diversos
Homens	331	10	479	136	328	313	119	545	3545
Mulheres	129		429	2	3		13	219	7219

No jornal A Situação entre os anos de 1906 a 1920, podemos encontrar dados onde é possível constatar o crescimento comercial da cidade. Empreendimentos como salsicharia, bares, cafés, hotéis, pousadas, restaurantes, armazéns (tanto de gêneros alimentícios quanto de materiais de construção, agências, de empréstimo consignado, lojas de mosaicos, oficinas a vapor de construções prediais, assim como os outros estabelecimentos já citados, eram exemplos de espaços que ofereciam serviços à população e obviamente se não todos, a grande maioria, contava com trabalhadores para o desenvolvimento de seus propósitos. (FRANCISCO; FRITSCH; SELBACH, 2017, p. 34-38-39-42-44).

As estáticas demonstram vários tipos de trabalho, onde homens e mulheres colocaram sua força de produção, fator que nos remete a questionamentos. Como seriam as relações entre estes trabalhadores e seus empregadores? Através da pesquisa de Cereda (2017) é possível perceber como se davam as relações de trabalho. Os relatos de parentes de trabalhadores das charqueadas, que foram importantes centros de produção, e que contavam

com a mão-de-obra de diversos trabalhadores, nos colocam em contato com o mundo do trabalho e seu cotidiano.

Na época que meu pai era novo não tinha salário, não tinha nada. Eu tinha uma firma, pegava um funcionário, chegava no fim do mês e eu pagava o que queria para ele e pronto. Ele não tinha o que reclamar nem nada. Aí depois não, aí mudou, né. Domingo e feriado, isso aí não tinha, todo mundo trabalhava como se fosse um dia normal (CEREDA, 2017, p. 60).

Os trabalhadores em Jaguarão e no país sofriam com a ausência de leis¹⁰ que os amparassem. Eram explorados e na luta pela sobrevivência se viam obrigados a aceitar condições ruins de trabalho e tratamentos indignos. Al-Alam e Lima (2012) destacam que para o trabalhador negro as lutas eram dobradas, tendo que lidar com as limitações impostas pelo preconceito e a discriminação. A comunidade negra construiu seus espaços de sociabilidade e neles fez valer práticas associativas que buscassem garantir condições de cidadania. Vale lembrar que a segregação racial era grande, a comunidade negra tinha proibida a entrada nos clubes dos brancos e os limites desta relação social foram bem demarcados até meados da década de 1980. Neste período, “ao tentar integrar-se na sociedade capitalista pela via do trabalho assalariado o negro operário tinha que vencer obstáculos maiores que aqueles colocados aos demais trabalhadores” (LONER, 2001, p.180).

Os primeiros habitantes a compor a cidade de Jaguarão pertenciam ou tinham ligações com pessoas ligadas às tropas militares que protegiam o território. O abastecimento destas tropas favoreceu o desenvolvimento do comércio, infelizmente não só de gêneros alimentícios e utensílios, mas, também, a comercialização de pessoas. Os campos eram propícios à criação de gado, esta prática beneficiou o abastecimento das charqueadas de municípios vizinhos e, também das existentes na cidade, o que demandava mais trabalho e a força produtiva deste desenvolvimento foi baseada no trabalho escravizado.

O eixo central destas engrenagens que desenvolviam a cidade, e tornavam possível que os projetos se concretizassem era o trabalho, ou seja, o trabalhador. No Brasil do século XX no pós-abolição, esta classe estava na luta por reconhecimento de direitos básicos, e

¹⁰A Constituição de 1937 fixou as diretrizes da política social e trabalhista que seria implementada no Estado Novo. Foram confirmados direitos trabalhistas já fixados na Constituição de 1934, como salário mínimo, férias anuais e descanso semanal, e foi também mantida a Justiça do Trabalho, encarregada de dirimir conflitos entre empregados e empregadores. Mas houve uma alteração importante: o princípio da unidade sindical foi restabelecido, e apenas os sindicatos legalizados poderiam defender os direitos da categoria que representavam perante o Estado. A greve e o lock-out foram proibidos, pois passaram a ser considerados recursos "anti-sociais, nocivos ao trabalho e ao capital e incompatíveis com os superiores interesses da produção nacional".

melhores salários e jornadas de trabalho menos intensas, já que chegaram a trabalhar por longos períodos sem interrupção, e em lugares insalubres.

O trabalho assalariado não trouxe a garantia de uma vida digna ao trabalhador, pois o que ganhavam com a venda de sua força de produção não garantia que eles pudessem pagar ou construir moradias dignas, para abrigarem a si e suas famílias. Não havia assistência aos trabalhadores quando estes não podiam desempenhar suas funções seja por doenças naturais ou por acidentes ocorridos no local de trabalho, nem ao menos era oferecido auxílio à educação e saúde. Com o objetivo de oferecer assistência à classe operária foram fundadas instituições conhecidas como Sociedades de Socorros Mútuos. Estas Sociedades eram classificadas de acordo com o trabalho desenvolvido, ou seja, poderiam ser encontradas Mutuais Recreativas, de etnia, esportiva, dentre outras. O perfil destas Sociedades será abordado mais adiante.

Em meio a este processo de transformações, econômicas, culturais e políticas, em dezembro de 1900 chegaram a Jaguarão três confrades da Ordem dos Cônegos Presmonstratenses Averbodienses: Cônego Rafael Goris, Estevão Baeyens e Paulo Aertgeerts. Eles tinham a meta de fundar um colégio, que se materializou em 11 de fevereiro de 1901. O colégio recebeu o nome de Espírito Santo.

Assim foi que, aos 11 de fevereiro de 1901, o colégio abriu suas portas para 80 alunos. 'No entanto', assim escreve o Com. Rafael Goris, 'a casa em que habitamos agora é pequena demais: não é possível instalar convenientemente as salas de aula. Esperamos poder mudar em breve para uma casa mais ampla. O aluguel será muito mais alto. Parece evidente que nos primeiros próximos meses nos vamos poder entrar ainda, muitas vezes, em contato com a santa pobreza' (CHANTRAIN, 2006, p. 33).

O Colégio cresceu e não demorou muito para que trocassem de casa. Ainda em 1901 eles se mudaram e acolheram cinco estudantes no regime de internato (CHANTRAIN, 2006, p. 33). Em novembro de 1902, chegam a Jaguarão reforços para o trabalho no Colégio: os Cônegos Siardo Wijins, e Anselmo Valvekens.

Para o ano de 1903 a expectativa era receber no Colégio cerca de 199 alunos. O quadro de professores não era o problema, porém a falta de um lugar com condições de acomodar estes alunos e educadores sim. Com a ajuda da Arquiconfraria¹¹ de Nossa Senhora

¹¹Arquiconfraria ou arquiconfraternidade é uma confraria católica habilitada a agregar ou afiliar outras confrarias de mesma natureza e conferir-lhes suas indulgências e privilégios. (Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Arquiconfraria>).

do Sagrado Coração em 1903 conseguiram a quantia necessária para a compra do imóvel, sendo que em 1907 este já estava devidamente quitado. Em 1908, o Cônego Godofredo Evers conseguiu a equiparação do colégio Espírito Santo com o colégio do Estado. Através desta equiparação a aprovação nas provas realizadas no Colégio Espírito Santo deixava aptos os alunos para o ingresso na universidade.

Um fato muito feliz e animador, para o colégio Espírito Santo, em Jaguarão, foi a equiparação com colégio do estado. Para conseguir este privilégio, o con. Godofredo Evers viajou até Rio de Janeiro e, com sucesso, deu os passos necessários no ministério de ensino. A equiparação foi concedida primeiramente de modo provisório, mas depois, em 1908, foi concedida definitivamente. Tudo isso era de suma importância para o colégio, pois agora os diplomas davam acesso à universidade (CHANTRAIN, 2006, p. 45-46).

Segundo Diehl, esta medida foi tomada por conta da separação da Igreja e do Estado principalmente após o decreto que garantia a liberdade religiosa. Este decreto acompanhado de outras decisões tomadas após a proclamação da República, levaram a Igreja a adotar novas estratégias para se restabelecer.

Responsabilidade de fortalecer o fraco clero que fora formado no Império. Foi enviado ao Brasil um enorme contingente de padres e freiras europeus com a finalidade de fundar colégios, obras de caridade e assistência social, além de uma grande quantidade de missionários (DIEHL, 1996, p. 27).

Dentro deste contexto de transformação política, cultural e social que se espalha pelo território brasileiro, vem para o Brasil a Ordem Presmotatense. Foram os cônegos da ordem que fundaram em Jaguarão com o auxílio de alguns membros da sociedade, uma instituição que se colocava a serviço da classe operária. Eles desenvolveram projetos que visavam dar assistência à classe operária oferecendo aulas de alfabetização, oportunizando lazer e cultura a classe trabalhadora. Instituição central para estas práticas sociais foi a Sociedade Operária Jaguareense e suas características e propostas serão exploradas no decorrer deste trabalho.

Neste capítulo procurei descrever as atividades desenvolvidas na cidade e os avanços econômicos possibilitados pelo aumento do comércio, a produção nas charqueadas, a criação de gado, fundação de fábricas, todas estas atividades que têm em comum a demanda de mão-de-obra, ressaltando assim a importância deste trabalhador que foi o pilar fundamental de toda a produção de bens e consumo. Homens, mulheres, negros, brancos, compunham a classe trabalhadora de Jaguarão, todos inseridos dentro de um sistema onde a ausência de leis que garantissem direitos, e fornecesse proteção a esta classe trabalhadora, os colocava a mercê dos

mandos e desmandos de seus empregadores. Destacando que a população negra livre trabalhava vendendo sua força de produção, mas não viam dentro deste contexto de trabalho assalariado muitas diferenças ou possibilidades de crescimento. O que não os intimidou, brancos e negros, homens e mulheres, compartilhavam da falta de políticas públicas que oferecessem a esta classe algum tipo de amparo e direitos, e é para esta classe trabalhadora em situação de vulnerabilidade que a Sociedade Operária Jaguareense objetivou seus esforços.

2.2. A Ordem Premonstratense Em Jaguarão

A Ordem Premonstratense que chegou ao Brasil em 26 de dezembro de 1896 veio da Abadia de Averbode localizada na Bélgica. Iniciou suas atividades na cidade de São Paulo, mais especificamente na Vila de Pirapora. Com o passar dos anos sentiram a necessidade de expandir seu trabalho.

Jovens forças, com uma vontade imensa de trabalhar, viam seu zelo truncado e enfraquecido pelo pouco que tinham pra fazer: dar algumas aulas para alguns meninos e, no fim de semana algumas celebrações nas capelas dos arredores. Sem dúvida alguns, comunicam esta situação ao Dom Abade. Esse, entretanto, parece que recebeu uma oferta do bispo de Porto Alegre, capital do Rio Grande Do Sul (CHANTRAIN, 2006, p. 28).

A Ordem Premonstratense, veio para a América Latina a pedido do Papa Leão XIII, que após a separação da Igreja / Estado e com a adoção de medidas como a liberação ao culto, a “[...]obrigatoriedade do casamento civil antes do religioso, laicização dos cemitérios, inelegibilidade do clero, proibição do ensino religioso nas escolas públicas” (DIEHL, 1990, p. 27) entre outras medidas, sentia necessidade de fortalecer o Cristianismo. Tinham a

responsabilidade de fortalecer o fraco clero que fora formado no Império. Foi enviado ao Brasil um enorme contingente de padres e freiras europeus com a finalidade de fundar colégios, obras de caridade e assistência social, além de uma grande quantidade de missionários (DIEHL, 1990, p. 27).

Em 1900 estavam em Jaguarão fundando o Colégio Espírito Santo¹². Logo depois em 1911 fundavam a Sociedade Operária Jaguareense (S.O.J.) que oferecia auxílio para a classe operária da cidade. Em reunião no dia 29 de janeiro de 1912, o Cônego Godofredo Evers, fundador da S.O.J., presidente de honra e orador oficial, apresenta a seguinte proposta:

¹² Esta Ordem quando chegou a Jaguarão desenvolveu um trabalho social, “cada casa tinha quase todos os dias seus hóspedes diários, que vinham, no início do dia em busca um pedaço de pão com café e na hora das refeições” (CHANTRAIN, 2006, p. 115).

[...] que não só deveriam cuidar do operariado físico, moral e socialmente, mas também espiritualmente não esquecendo-nos do operário depois de sua morte não teríamos modo mais proveitoso para o sócio subtraído desta terra, do que mandando celebrar uma missa pelo eterno descanso de sua alma¹³

Estas propostas foram aceitas e nos dão uma dimensão das metas a serem atingidas pela S.O.J. em auxílio aos menos favorecidos. A Sociedade Operária Jaguareense, tinha por base princípios conservadores. Não poderia ser diferente já que seus fundadores eram católicos, originalmente defenderiam os princípios morais cristãos, que levariam a uma conduta social dentro dos padrões do moralmente e politicamente correto, do ponto de vista católico, preservando a “família e os bons costumes”.

No que se refere às ações desinteressadas esta instituição não era diferente de tantas outras fundadas durante ou após o advento da República. Tinham seus interesses e objetivos próprios, que serão expostos mais adiante, bem como o caminho escolhido para a concretização destes: “[...] O associativismo neste período das classes trabalhadoras em geral, e da classe operária em particular, se expressa através de uma rede extremamente diversificada e rica de associações (BATALHA, 2008, p. 180).

Uma das finalidades colocadas em prática na S.O.J. foi a alfabetização de adultos, a princípio trabalhadores, e a pedido destes o ingresso nas aulas noturnas foi ampliado a seus familiares. A alfabetização segundo Diehl era utilizada pela igreja como estratégia para reconquistar sua supremacia. Como foi citado acima o Estado havia adotado medidas que desfavoreceram a Igreja, fazendo com que esta perdesse seu campo de atuação “[...] o fato de perder o terreno na sociedade burguesa como um todo, não significou a impossibilidade de recuperar um sentido vocacional universalista, através da família, da escola, da imprensa, mantendo a possibilidade do controle doutrinário na formação social” (DIEHL, 1990, p. 18).

O conhecimento em torno da Ordem Premonstratense¹⁴ se torna relevante para a pesquisa na medida em que este nos permite identificar os interesses que estão em disputa, possibilitando o entendimento sobre as estratégias adotadas pela S.O.J.

¹³ Acervo do Círculo Operário de Jaguarão. Livro de Atas da S.O.J, 1912, folha nº7.

¹⁴ A Ordem de São Norberto, actualmente chamada de Ordem Premonstratense, ou dos cónegos regulares Premonstratenses, também conhecidos por Cónegos Brancos ou Cónegos de São Norberto, ou, no ramo feminino, de Monjas Premonstratenses ou Monjas de São Norberto, é uma ordem religiosa da Igreja Católica.

Em agosto de 1896 saíram da Bélgica os Cônegos Vicente Van Tongel, e Rafael Goris, e após algumas semanas de viagem chegaram ao Brasil. Em 31 de agosto estavam na Bahia, no dia 7 de setembro em Petrópolis e em 10 de setembro chegaram a São Paulo. Durante três meses ficaram no Seminário Episcopal em São Paulo onde puderam aprender o novo idioma.

Após estarem mais familiarizados com o idioma, foram para o interior de São Paulo, para a Vila de Pirapora. O Cônego Vicente Van Tongel passou a exercer a função de pároco de Parnaíba com residência em Pirapora e Rafael Goris exercia a função de vigário paroquial em Parnaíba. Assim começaram seus trabalhos no Brasil e não demorou muito para que mais cônegos chegassem ao país. Além dos cônegos também chegavam irmãos¹⁵ dispostos a trabalhar. Uma das finalidades dos Cônegos era a construção de um pequeno convento onde funcionariam uma escola apostólica ou um colégio com o intuito de obter vocações. Em 14 de julho de 1897 deu-se o primeiro passo rumo à efetivação deste projeto.

O nome de escola Apostólica ou Colégio, como foi planejado no início, já foi aqui mudado em Seminário Premonstratense. No decorrer dos anos serão usadas ainda outras denominações, como Colégio São Norberto e Seminário Menor Metropolitano, conforme circunstâncias e finalidades do prédio (CHANTRAIN, 2006, p. 16).

Em 1899 havia em Pirapora cinco cônegos e três irmãos. Os irmãos se mantinham ocupados, porém os cônegos ansiavam em expandir seu trabalho missionário. Em 16 de agosto de 1899 partiram de Pirapora em direção ao Rio Grande do Sul, os cônegos Vicente van Tongel e Rafael Goris para dirigir um colégio a pedido de Don Abade que recebera esta oferta do bispo de Porto Alegre (CHANTRAIN, 2006, p. 28).

Em 6 de setembro os cônegos chegaram a Bagé, onde seria aberto um novo colégio, chamado “São Norberto”. Rafael Goris seria o diretor do novo instituto de São Norberto, esta designação foi passada a ele pelo Dom Gumaro Crets. Nesta cidade, constataram que a população no que se refere a conhecimento religioso, era bem mais “atrasada” que a de São Paulo: “[...] o povo aqui não tem mais ideia de religião”¹⁶ (CHANTRAIN, 2006, p. 31).

¹⁵ “Desde a Revolução Francesa não existiam mais nas abadias da Bélgica, os irmãos. Rapidamente se compreendeu que, ao fundar missões em países de outros continentes, o trabalho manual dos irmãos leigos seria uma fonte de serviços inumeráveis” (CHANTRAIN, 2006, p. 22-23).

¹⁶ Trecho da carta do Cônego Vicente Van Tongel.

Alugaram duas casas para dar início ao ano letivo que estava próximo. Deixaram tudo organizado, esquematizado, voltaram para Pirapora retirando do roteiro a possibilidade da vinda para Jaguarão. No entanto, em dezembro de 1900, os Cônegos partiram de Pirapora e não foram para Bagé onde já estava tudo acertado, e sim para Jaguarão. Os motivos seriam a crescente dominação da maçonaria na cidade de Bagé, fato que culminou com a determinação “[...] do Bispo de Porto Alegre que tinha proibido fazer orações em público em favor de um maçom que caiu morto na tribuna da maçonaria” (CHANTRAIN, 2006, p. 31).

Esta proibição deixou o clima tenso, fato que resultou na vinda para Jaguarão. Em dezembro de 1900 foram designados para vir à cidade os Cônegos Rafael Goris, Estevão Baeyens, e Paulo Aergeets. Os objetivos continuavam os mesmos, porém o local havia mudado. Em 11 de fevereiro de 1901, abriram um colégio. Este recebeu o nome de Ginásio do Espírito Santo, nome escolhido pela população que optou em manter este nome por ter sido de um colégio extinto na cidade. Em 1908 o Cônego Godofredo Evers conseguiu a equiparação do ginásio “com o colégio do Estado” (CHANTRAIN, 2006, p. 46), o que permitia através dos diplomas fornecidos pela instituição, que seus alunos entrassem na universidade.

O colégio deu início a seu trabalho contando com a participação de 80 alunos. Cresceu rapidamente, e com isso a necessidade de se estabelecer em um lugar maior, e também de novos missionários. Mais cônegos foram nomeados por Don Gumaro para trabalhar no Brasil: Tomás Schoenaars, o principal colaborador da Arquiconfraria; Godofredo Evers, um dos superiores da abadia; Ambrosio Adriaansen, e Tiago Sempels, este foi ordenado presbítero aqui no Brasil em 1902. Embarcaram para o Brasil em 28 de fevereiro e em 28 de março de 1901 chegaram a São Paulo onde ficaram algumas semanas.

Em 12 de maio chegou a Jaguarão o Cônego Tomás Schoernars¹⁷. A maçonaria, assim como em Bagé, também se fazia presente na cidade, e seu presidente, um general aposentado, frequentava as missas aos domingos. Porém o que os espantou foi o que eles chamaram de “Ignorância em questão de fé” (CHANTRAIN, 2006, p. 35). Em 18 de novembro chegaram novos cônegos a Jaguarão, com o objetivo de dar aulas: Cônegos

¹⁷ [...] Cônego Thomas Aquinas Schoenaers (nome religioso de Gerardus Jozef Schoenaers) nasceu no povoado de Helchteren, Província de Limburgo (onde o idioma flamengo é praticado), Bélgica no dia 18 de março de 1872. Havendo na juventude, oscilado entre seguir a carreira militar e a religiosa, optou por esta em 11 de outubro de 1891, ingressou na Abadia de Averbode (SOARES, 2010, p. 69).

Alderico Lambrechts, Domingos Sars e os irmãos Alfonso Daems e Luís Sabbe. Um maior contingente de professores para atender 199 alunos esperados no ano letivo de 1903.

Em 1904 o Cônego Godofredo Evers chega a Jaguarão para substituir Tiago Schoenaers e Rafael Goris que entravam em férias. Logo após em 28 de março chega o Cônego Victor Cornelissen. “Além do Colégio estes cônegos criaram sete capelas em lugares afastados do centro da cidade com a intenção de dar “auxílio espiritual ao povo da periferia” (CHANTRAIN, 2006, p. 45).



*Cônego Godofredo Evers*¹⁸

¹⁸ Acervo do Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão. Foto tirada na sede da Instituição. O quadro está fixado na parede da exposição do Museu.

O Cônego Godofredo Evers veio para trabalhar em Jaguarão em junho de 1910, mas antes esteve na cidade de forma provisória. No período que esteve na cidade por mais tempo, ele acompanhado de outras pessoas que não eram ligadas a Ordem Premonstratense, mas aprovavam seu trabalho na cidade, fundaram uma sociedade que oferecia auxílio à classe operária, ampliando o propósito inicial da Ordem de obter vocações através da educação.

Percebe-se que o Cônego Godofredo Evers, mantinha relações com os trabalhadores da cidade, que assim como o restante dos trabalhadores brasileiros, encontravam suporte em associações que proporcionavam algum tipo de auxílio. Fato que se evidencia na ata da primeira sessão de assembleia geral, em 31 de dezembro de 1911 em uma sala cedida no Ginásio do Espírito Santo, quando foi fundada a Sociedade Operária Jaguareense, e que contou com a presença de 30 pessoas.

Foi pelo Revmo Cônego Godofredo Evers ocupado o lugar de honra, direito este que a Sociedade Operaria Jaguareense lhe conferiu como membro iniciador fundador e em gratidão pelos relevantes serviços por ele prestados a classe operaria (Livro de Atas da S.O.J., 1911, p. 1).

Em 1911 alterações ocorreram na área da educação que decretaram o fim da equiparação dos colégios. As provas aceitas eram aquelas realizadas por professores de faculdade, “[...] não havia mais nenhum programa oficial para o ensino médio, nos colégios” (CHANTRAIN, 2006, p. 59). Com as reformas no ensino o número de alunos caiu gradualmente. O Ginásio que antes recebia alunos de vários lugares, agora entrava em crise. Os Cônegos conseguiram manter o colégio aberto até 1914, quando partiram de Jaguarão para Jaú:

Em Jaguarão não foi notado nenhum melhoramento na situação, que ficou insustentável. Isso levou-nos a fechar o tão florescente colégio no fim do ano letivo de 1914. Nossos confrades deixaram Jaguarão, onde tinham realizado tanto bem e onde foram muito estimados e amados pelo povo. Iniciaram o ano letivo de 1915 em Jaú, no Estado De são Paulo, no colégio Diocesano cuja direção a Ordem assumiu (CHANTRAIN, 2006, p. 62).

Neste capítulo procurei descrever a história da Ordem Premonstratense em Jaguarão, ressaltando os motivos que trouxeram esta Ordem ao Brasil. Como Diehl enfatiza, e é evidenciado na história dos Cônegos, os motivos foram a falta de clérigos, (DIEHL, 1990, P. 27), e consequentemente reconquistar espaços maiores de atuação. Esta Ordem desempenhou na Sociedade Operária Jaguareense um importante papel. Mesmo que suas práticas associativistas servissem como um meio de congregar trabalhadores e assim possibilitar a propagação de suas ideologias, vejo que esta Ordem ofereceu serviços de auxílio e assistência que não eram oferecidos por outra instituição, colocando os trabalhadores de Jaguarão no

mesmo patamar dos demais trabalhadores brasileiros, que contavam com sociedades que ofereciam auxílios a classe trabalhadora.

3. Sociedade Operária Jaguareense

Os trabalhadores, inclusive mulheres¹⁹, esperavam que de alguma maneira as modificações políticas, culturais e sociais que ocorreram no Brasil com o fim da escravidão e Proclamação da República, tivessem efeitos positivos, porém esta foi uma expectativa frustrada. A classe trabalhadora há muito tempo se manifestava na luta por seus direitos trabalhistas, mesmo que de forma gradual tinham a consciência de sua força produtiva, e utilizavam dela como estratégia política, para chamar a atenção daqueles a quem estavam submetidos: “[...] a organização dos trabalhadores²⁰, fossem eles qualificados ou não, é um traço marcante no Brasil da Primeira República” (BATALHA, 2008, p. 172).

Conforme Batalha; Delgado; Ferreira (2008, p. 180) uma das maneiras utilizadas para construir suas redes de relacionamento, trocar informações, ampliar seus conhecimentos e traçar estratégias a fim de conquistar seus espaços, seus direitos sociais e políticos, era pertencer a uma associação, que por sua vez oferecia assistência aos trabalhadores. Estas associações variavam de acordo com a assistência oferecida, elas podiam ser recreativas, carnavalescas, dançantes, esportivas, conviviam lado a lado com sociedades mutualistas, culturais e educativas e, também, com sociedades profissionais, classistas e políticas.

Dentre estas sociedades, destaco as mutualistas que são consideradas como parte da “pré-história do movimento operário” (SILVA JR, 2004, p. 23). Isto se dá pelo fato de ser dentro de uma Sociedade Mutualista que os trabalhadores encontravam auxílio, seja financeiro, educacional ou cultural. Estas Sociedades de Socorros Mútuos foram os caminhos através do qual o trabalhador adquiriu algum tipo de respaldo, já que a classe operária se encontrava em estado de vulnerabilidade social, sem qualquer tipo de proteção por parte do Estado, ou reconhecimento de direitos sociais.

¹⁹ A mão-de-obra feminina, foi muito significativa em ramos como o têxtil e o do vestuário, chegando a ser majoritária em alguns lugares. (BATALHA; DELGADO; FERREIRA, 2008, p. 165).

²⁰ O movimento operário brasileiro viveu anos de fortalecimento entre 1917 e 1920, quando as principais cidades brasileiras foram sacudidas por greves. Uma das mais importantes foi a greve de 1917 em São Paulo, em que 70 mil trabalhadores cruzaram os braços exigindo melhores condições de trabalho e aumentos salariais. A greve durou uma semana e foi duramente reprimida pelo governo paulista. Finalmente chegou-se a um acordo que garantiu 20% de aumento para os trabalhadores. A ascensão do movimento operário no Brasil naqueles anos finais da década de 1910 relacionava-se diretamente à vitória dos comunistas na Revolução Russa. Vários grupos operários no Brasil e no mundo acreditavam que havia chegado o momento de colocar um fim à exploração capitalista e construir uma nova sociedade. Esse entusiasmo não foi suficiente, no entanto, para que a revolução se disseminasse. Os anos 20, apesar de alguns avanços em termos de legislação social, foram difíceis para o movimento operário, que foi obrigado a enfrentar grandes desafios (FGV CPDOC Anos 20 , **Questão Social Movimento Operário**).

Em Jaguarão a Sociedade Operária Jaguareense desempenhou este papel assistencialista oferecendo auxílio à classe trabalhadora da cidade. Assim como outras associações ela possuía suas características que através deste trabalho pretendo evidenciar. Fundada em 31 de dezembro de 1911, era composta por um grupo de pessoas diversas. Eram indivíduos que ocupavam cargos ligados ao Exército, servidores municipais, trabalhadores autônomos, comerciantes, fazendeiros e, também, pessoas ligadas à Igreja Católica. A composição destas sociedades pode muitas vezes responder a interesses também diversos, “[...] alguém em particular, ou um grupo de pessoas, convida outros para criarem uma entidade. Pouco mais do que essa descrição abstrata pode ser vista em comum na fundação de sociedades de socorros mútuos” (SILVA JR., 2004, p. 116).

Na ata geral de 10 de agosto de 1911 quando a ideia da fundação da Sociedade estava se constituindo, pode-se perceber através do diálogo transcrito abaixo²¹, que a fundamentação desta sociedade vai de encontro às propostas das Sociedades de Socorros Mútuos. Destaca-se ainda de forma evidente os valores conservadores católicos.

Aos dez dias do mês de agosto de 1911, trabalhava na sala do Mensageiro Católico, o Conego Godofredo Evers, quando subitamente entram os senhores João Martins Botto Junior e Ramão Affonso acompanhados pelo Sr. José Maria Rodrigues gerente da tipografia, que sabedores de que neste dia fazia anos o ilustre Cônego Evers, vinha trazer-lhes suas felicitações por ocasião de seu aniversário. Depois de agradecimentos e animada conversação o Cônego Evers, começou a tratar da decadência moral e social do operariado jaguareense e em conversa explicou quais eram as causas ao ver dele uma das grandes causas, era a falta de uma Sociedade Operária de um centro que coligasse os operários, onde eles pudessem reunir-se para recolher suas questões pacíficas e harmoniosamente. Está pequena conversa, foi por assim dizer a iniciação, pois os companheiros ali presentes, todos operários, responderam que a fundação da Sociedade que acabava de falar o Cônego Evers, estava com mui pouco, da parte deles estavam prontos para acompanhar. Seguiu a palestra e o Cônego Evers, prometeu mais tarde tratar do assunto. Estava iniciada a Sociedade Operária (Acervo da Sociedade Operária Jaguareense Livro de atas (1911, p. 149).

Nas primeiras conversas onde a ideia da criação da Sociedade Operária Jaguareense, toma forma, o Cônego ressalta a “decadência moral e social do operário” e a solução segundo ele seria a criação de um espaço onde os trabalhadores pudessem se reunir pra tratar de suas questões de forma “pacífica e harmoniosamente”. Característica encontrada nas mutuais étnicas que também se dispunham a estimular a moralidade de seus sócios.

²¹ A transcrição desta conversa foi retirada do livro de atas da Sociedade Operária Jaguareense, este livro contém 245 páginas e encontra-se no acervo do Círculo Operário De Jaguarão. Na p. 1 está a sessão de assembleia geral feita no dia 31 de dezembro de 1911, e mais adiante na p. 149 encontra-se esta Ata Geral onde é transcrita a maneira como procedeu a iniciação desta Sociedade. Esta ata está dividida da seguinte maneira: Iniciação-Reuniões Comissões - Festa do Dia 8 de Outubro de 1911-Diretoria Provisória Discussões Jornalísticas.

No século XX, as mutuais étnicas se limitariam no que diz respeito aos interesses espirituais, a fomentar o lazer, o patriotismo e a moralidade dos associados, ao passo que as classistas não difeririam muito, apenas acrescentando finalidades mais afeitas ao desenvolvimento de estratégias públicas, como seria a solidariedade, a defesa de interesses e a luta contra ou a favor de leis (SILVA JR., 2004, p. 177).

Fundada na primeira década do século XX onde assim como no resto do país Jaguarão também não oferecia nenhum tipo de assistência a seus trabalhadores, esta sociedade englobou uma série de propostas voltadas a classe operária. Estas propostas visavam dar auxílio aos trabalhadores e seus familiares em casos de doença, morte, gradualmente foram expandindo seu leque de opções, investindo na educação, cultura e lazer. Uma maneira de unir esta grande parcela da população, que era a menos favorecida e, também uma forma de controlar moralmente estes indivíduos. Segundo Beatriz Loner:

Nesse contexto, as classes trabalhadoras apareciam como as mais necessitadas do amparo de uma rede associativa, que cumprisse as tarefas de auxílio em caso de doença ou morte, de amparo à família, a educação aos filhos e sua socialização, além de criar uma rede de amizades, interesses corporativos e representação, necessárias para sua sobrevivência pessoal e coletiva (LONER, 2001, p. 94).

Esta Sociedade foi crescendo em número de sócios, e em sua primeira seção de Assembleia Geral em 31 de dezembro de 1911, feita pela diretoria provisória, contaram com a participação de trinta pessoas. Este número aumentou gradativamente. Segundo Adhemar da Silva Jr, um maior número de sócios era elemento fundamental para sobrevivência do mutualismo:” [...] O aumento do quadro de membros é muito importante em uma sociedade de socorros mútuos e talvez seja essa a principal característica a diferenciá-las das associações comerciais de previdência.” (SILVA JR., 2004, p. 123-124). Nesta seção do final do ano de 1911, foram apresentados e escolhidos através de votação os candidatos à presidência, vice-presidência da Sociedade, assim como tesoureiro orador e diretores. A S.O.J. escolhia seus sócios através de votação, este método também era utilizado nas Sociedades Mutualistas Beneficentes, para a escolha de seus sócios.

As primeiras seções se deram em uma das salas do Ginásio do Espírito Santo. As seções seguintes foram na casa²² de um dos sócios da sociedade o senhor Ramão Afonso morador da Rua 27 de Janeiro, até que em sessão extraordinária²³ no dia 4 de maio de 1912,

²² Muito comuns nos primeiros tempos são as reuniões em casas (de residência ou de comércio, se é que a distinção faz sentido) de membros (SILVA JR., 2004, p. 118).

²³ Esta ata encontra-se na pag. 19 do livro de atas da S.O.J., onde o Sr. Joaquim F. Martins Presidente interino, em sua fala, alega entre outras coisas que a importância de alugar uma casa se deu pelo fato de que as aulas de música não poderiam ser ministradas no Ginásio Espírito Santo. Não consta no livro porque saíram da casa na

ficou acertado a locação de uma casa onde seria a sede da S.O. J. Esta ficava na Rua General Deodoro, esquina General Marques. Em 1 de outubro de 1912, ficou acertada a compra de um imóvel na Rua 20 de Setembro que pertencia ao Sr. Hermenegildo Corrêa, o mesmo pagou os gastos da escrituração, e a Sociedade o reconheceu como sócio benemérito, bem feitor e fundador da sede da S.O.J.

Esta Sociedade recebera o apoio de instituições privadas como o Circo Pavilhão Nacional e, também de indivíduos ligados ao Exército.

Os diretores João Martins Botto Junior e Eliesario Gonçalves apresentaram balancete do benefício oferecido pelo Circo Pavilhão nacional que deu aos cofres da S.O. J 70\$080 reis, mais 4\$000 reis em donativos oferecidos pelo Coronel Botafogo e Joaquim Francisco Martins (Acervo do Círculo Operário De Jaguarão; Livro de Atas Da Sociedade Operaria Jaguareense, 29/01/1912, p. 5).

A cada seção os sócios já pertencentes indicavam novos sócios que eram aceitos ou não através de votação secreta, “[...] para que elas existam é preciso que seus fundadores estejam, pelo menos num primeiro momento, fisicamente juntos; e para que prospere, é preciso que novos membros se agreguem” (SILVA JR., 2004, p. 103).

Mas uma característica das Sociedades de Socorros Mútuos que se encontra presente na Sociedade Operária Jaguareense, que também se prestava a este propósito, oferecendo ajuda financeira a seus sócios, e a assistência médica variando de acordo com a necessidade de cada membro. Loner expõe algumas características encontradas nas Sociedades mutualistas e Benéficas, como auxílio para a doença ou enterro e, também ajuda em dinheiro para a família do sócio em caso de doença. O mesmo era feito na S.O.J., e em seus registros encontram-se estas propostas, além de evidências do uso do dinheiro:

[...] a diretoria resolveu mandar uma comissão a Santa Casa visitar o sócio Adão Raymundo e oferecer auxílio da sociedade. Ficou resolvido também continuar o auxílio ao sócio João Pereira da Silva que havia recebido a diária de acordo com os estatutos de 45r\$000” (Acervo do Círculo Operário De Jaguarão. Livro de atas 11/04/1914, p. 91)²⁴.

Rua 20 de setembro, e nem se quando mudaram foram para o local onde hoje funciona o Círculo Operário de Jaguarão.

²⁴ “A sociedade contava com uma caixa de socorros, e o dinheiro em dezembro de 1917 passou a ser depositado em uma caderneta no Banco da Província “[...] o Sr. Tesoureiro Ildefonso Ribeiro apresentou a receita e despesa correspondente ao ano findo, notificando-se que havia entrado para os fundos sociais a cifra de 1:172\$100 R\$ e uma despesa de 1:120\$000 reis. Tudo isto foi declarado que em vista dos grandes benefícios prestados aos sócios enfermos sobrava ainda para a caixa 52\$100 reis” (Acervo do Círculo Operário De Jaguarão, Livro de Atas 31/12/1917 p. 161).

Como já foi citado, eram recebidos donativos, em dinheiro, não só de instituições privadas, mas também de sócios, que também pagavam mensalidade. Estes sócios quando estavam inadimplentes com as mensalidades, poderiam ser advertidos ou até mesmo expulsos da Sociedade. Estes donativos eram utilizados para fornecer auxílio aos trabalhadores e pagar as eventuais despesas feitas para dar manutenção à Sociedade.

A Caixa de Socorros mencionada acima não era exclusividade de uma Sociedade Mutual. Loner relata a utilização do dinheiro contido na Caixa de Socorros da Fiação e Tecidos de Pelotas, onde os patrões utilizavam do dinheiro destas caixas como meio para disciplinar os operários. O dinheiro era obtido através das multas aplicadas aos próprios operários e a divisão deste dinheiro também garantia ao patrão uma boa imagem: "[...] Estas caixas concediam algum apoio material aos operários, ao mesmo tempo em que possuíam a função política e ideológica de acalmá-los e discipliná-los no trabalho²⁵" (LONER, 2001, p. 99).

As Sociedades de Socorros Mútuos funcionavam "[...] como uma forma de previdência ou assistência privada" (SILVA JR., 2004, p. 29). A Sociedade Operária Jaguarense, possuía uma Caixa de Socorros e o dinheiro arrecadado era utilizado para pagamento de auxílios, para dar assistência na compra de remédios, pagamento de médico, entre outras coisas.

No dia 12 de agosto de 1911, o Cônego Evers voltou a tratar da fundação da S.O.J., Além dos que já estavam na primeira reunião, juntou-se a eles os senhores: Elisiario Gonçalves e Plácido Machado Lages. Eles acertaram uma nova reunião que aconteceu no dia 10 de setembro e contaram com a participação de trinta operários, estes concordaram com as ideias do Cônego que já havia sido publicada no jornal Mensageiro Católico, que abordaremos a seguir.

Além desta reunião, outras foram realizadas onde ficou acertado que na festa do dia 8 de outubro, que seria feita em honra do trabalho, realizado não só pelos homens, mas também pelas mulheres, seriam representadas 'por uma pequena apoteose'. Ficou acertado que neste dia seria feita a apresentação ao povo da iniciada Sociedade, e para arrecadar dinheiro para a realização dos primeiros trabalhos ficaram responsáveis os senhores: Ramão Afonso, Serafim

²⁵ A Caixa de Socorros da Fiação e Tecidos de Pelotas, criada no início de 1912, tinha sua direção controlada pelos patrões, através de seus prepostos. (LONER, 2001, p. 99).

Pedra, e Valentim Goulart. Não há no livro de atas maiores informações sobre estes senhores, o que não descarta a possível investigação futura, a fim de entender suas relações com a Sociedade.

A população jaguarense compareceu em grande número. Segundo consta no livro de Atas da S.O. J, os operários foram até a redação do Mensageiro Católico acompanhados pelas bandas da cidade, entre elas a Banda União Operária, e dali partiram em direção ao Teatro Esperança. No local, em sua espera, estavam muitas pessoas. Às 20:30h a sessão foi aberta pelo Intendente Faustino José Corrêa, e teve como orador o Cônego Godofredo Evers. Após os discursos, foi realizada uma “projeção cinematográfica” com o aparelho que a diretoria provisória encomendou para a futura S.O.J.

Em ata do dia 2 de maio de 1912, é mencionada a possível fundação na cidade de outra sociedade "com tendências socialistas". No entanto, mais adiante em 31 de julho de 1912, dentro da sociedade, houve a expulsão de um dos diretores da S.O.J., por não abrir mão de um convite feito por outra sociedade, a Sociedade União Operária. Segundo alegado em ata, não era possível um diretor fazer parte de duas sociedades até mesmo porque os princípios da sociedade em questão eram incompatíveis com os da S.O.J. Em ata do dia 10 de agosto de 1911, percebe-se que as discussões sobre o socialismo eram pauta nos jornais e entre a população jaguarense. “Discussão jornalística: Dificuldades não faltaram, abre-se discussão entre os jornais locais e mesmo o povo discutia acerca do socialismo. O Cônego Evers respondia no Mensageiro Católico, defendendo sua tese foi vencedor ficando com a palavra” (Acervo do Círculo Operário de Jaguarão Livro de Atas (1911, p. 151).

Em ata do dia 14 de maio de 1912, foi proposto pelo secretário aos diretores da S.O.J que fosse enviado ao presidente do Estado um pedido de auxílio para a Sociedade²⁶, onde todos concordaram. Este pedido de ajuda ao presidente do Estado configura a existência de estratégias que buscam uma aproximação com a elite política que governava o Estado, o Partido Republicano Riograndense. Segundo Diehl, “o empenho da própria Igreja durante todo período republicano, do ponto de vista político, parece ter sido no sentido de restabelecer uma aliança com o Estado.” (DIEHL, 1990, p. 28).

Na sessão do dia 31 de julho de 1912, o Diretor Sr. Bernardo Gastellacoto apresentou queixa ao também Diretor da S.O.J., Plácido M. Lages. Este foi advertido por ter recebido um

²⁶ Acervo do Círculo Operário de Jaguarão, Livro de Atas (1912, p. 20).

ofício da Sociedade União Operária, onde o convidavam para ser sócio desta sociedade. O Sr. Plácido M. Lages disse que recebera o convite e pensava em aceitar e fazer parte das duas sociedades. O Presidente Sr. Joaquim Francisco Martins respondeu: "[...] não, os simples sócios não poderiam ser mais do que se tolerava, porém os Diretores não podiam por nenhum princípio pertencer a essa Sociedade que se manifestava contrária a nossos princípios" (Acervo do Círculo Operário de Jaguarão. Livro de Atas, 1912, p. 27).

Em 1893, havia sido fundada em Rio Grande uma sociedade denominada Sociedade União Operária. Esta mesma designação é dada à sociedade que pretendia se estabelecer na cidade, provavelmente uma filial da mesma já existente em Rio Grande. A S.U.O. "teve sua instalação oficial, acompanhada de préstito pelas ruas saudando a imprensa e o socialismo" (LONER, 2001, p. 336)

A Sociedade União Operária, de Rio Grande foi fundada em 24 de dezembro de 1893, por um grupo de operários e artesãos, e que congregava boa parte da massa operaria, daquela cidade, contribuindo para a unificação do movimento e a manutenção de um viés classista na representação operária da cidade. Ela constituía-se numa entidade operária com objetivos educacionais, beneficente e de representação de classes (LONER, 2001, p. 177)

A S.U.O., tinha princípios socialistas, segundo Loner, fazia manifestações contra a carestia, se colocava a favor do operário e contra a burguesia, também não deixava quando necessário de pedir ajuda ao Estado, possuía objetivos educacionais, beneficentes e de representação de classes. Em alguns aspectos quanto a seus objetivos era semelhante a S.O.J., no entanto pode-se perceber na matéria publicada no jornal Amigo Operário que as sociedades em questão divergiam quanto a ideologia. O jornal O Amigo Operário era um órgão da Sociedade Operária Jaguareense. Em 22 de julho de 1912 seu primeiro número foi publicado. A confecção do jornal seria feita pela tipografia do Mensageiro Católico e como redator foi nomeado o Cônego Godofredo Evers e como gerente o primeiro secretário Sr. José Maria Rodrigues. Este jornal tinha como objetivo, "[...]defender os interesses da Sociedade Operária Jaguareense, e tudo aquilo que diz respeito à justiça, a caridade, a propriedade, a família e a pátria" (Acervo do Círculo Operário de Jaguarão. Livro de Atas, 1912, p. 27).

[...] Eis operário o que quer o socialismo, guerra contra Deus guerra contra Pátria, guerra contra a Família, guerra contra a Propriedade. E, para chegar aos seus horroresos fins, mente ao povo para que este se deixe levar docilmente pelos chefes da Revolução social.

No socialismo o operário não passa d um instrumento, d um escravo.

Operários que amais verdadeira liberdade e presais a vossa dignidade humana-alerta!

Tudo por Deus pela Pátria, pela Família; tudo pelo bem e progresso de nossa classe!” (Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão. Jornal O Amigo Operário. Dia 30 de Abril de 1913).

Os jornais eram e são até hoje importantes aliados na divulgação de ideias, mas não possuíam neutralidade. Possuíam preferências políticas e defendiam os interesses daqueles cujos ideais eles acreditavam. Caso do jornal o Amigo do Operário, criado justamente para este fim: defender os interesses da S.O.J.

Contudo, se contribuíam para a formação da identidade de classe, não devem ser confundidas com associações, porque os jornais normalmente possuíam uma linha política definida e congregavam apenas alguns já posicionados em relação àquela orientação ou em torno de um ideal (LONER, 2001, p. 166).

Em uma das tiragens do jornal *O Amigo Operário* é possível perceber a intenção por detrás da palavra quando apontam diferenças entre o trabalhador e os escravizados de diversos tempos. Ressaltam a importância da Igreja para amenizar a condição precária do trabalhador os colocando em uma posição mais digna e honrada, graças ao seu “sentimento Cristão”, colocando-se como um meio que proporciona ao trabalhador uma vida mais digna.

ANNO I | Jaguarão 30 de Abril de 1913. | Nº 38. 125

O AMIGO DO OPERARIO

UM POR TODOS, TODOS POR UM

Orgão da Sociedade Operaria Jaguareense

EXPEDIENTE

ASSIGNATURA por anno :

Na cidade	2\$000
Fóra da cidade	1\$000
Por mez	300 reis.

As assignaturas hecundas serão pagas trimestralmente.

PAGAMENTO ADEANTE

A redacção do *Amigo do Operario* está a cargo da Direcção da Sociedade Operaria Jaguareense.

Redacção da Folha e Secretaria da mesma Direcção, Sr. José Maria Rodrigues.

ANNUNCIOS

Trata-se com o gerente.

Todas as publicações são sujeitas ao critério da redacção.

Os collaboradores são remunerados pelos seus escriptos.

Os originaes não publicados não serão devolvidos.

Operarios---Escravos

—Então reflectiu bem? Não está de accordo que o operario nos tempos modernos se acha em condição inferior ao escravo nos tempos antigos?

—Não! Nada mais falso!

—Pois é o que se ensina ao nosso povo no *Curso de economia social*.

—Mas esta o povo não engole. Affirmar tal erro, meu amigo, importa em ignorar de todo a historia e a tristissima condição do escravo antigo, condição essa creda não só pelos costumes mas pelas proprias leis daquelles tempos.

—Em que esta condição differia da do operario de hoje?

—Em que? O amigo conhece o nosso operario. Compare-o, por exemplo, com o escravo dos mais bellos dias da republica e do imperio romano. O escravo, então, não era mais do que uma *coisa*, que de humano só tinha a forma; era uma mercadoria, de valor muitas vezes inferior ao dos brutos animaes a cujo lado era exposto nas feiras publicas para ser negociado qual besta de carga. Podia ser alugado, vendido, mutilado e até morto pelo dono, em quem a lei reconhecia esse unico direito, intervindo só em casos variados em favor do desgraçado escravo. O infeliz não podia ter familia *civil*, nem direito algum de familia; os proprios fillos que lhe nasciam não eram seus. A propriedade do seu dono, não podia o escravo possuir nenhuma propriedade.

—Horrivel! Este extremo de degradação, porém, não durou muito tempo, por certo.

—Por dilataçães seculos, meu amigo, vindo só a melhorar, pouco e pouco, vão a acção paciente e moderada do christianismo, de quem, sem deixar de escravo, registra a historia raios da mais fina caridade, do mais puro heroismo.

—Mas esses infelizes escravos não haviam de ser muito numerosos, ao passo que os operarios hoje constituem a maioria dos homens.

—Eugana-se redondamente. Não pode calcular quantos e numero dos escravos sobrepunha outrora o numero dos cidadãos e dos homens livres. Basta notar que sob o imperador Trajano, sobre 120.000.000 de habitantes, apenas 10.000.000 gosavam dos direitos de cidadão. Só na cidade de Roma, diz-nos Cícero, sobre uma população de 1.200.000 habitantes, havia apenas 2.000 proprietarios, dos quaes alguns possuíam tantos escravos e a tal ponto os desprezavam que com a propria carne dos mesmos alimentavam os peixes de seus viveiros. Um unico senhor possuía 10 a 15.000 escravos, e o famoso philosofo estoico, tinha 20.000 escravos e nunca libertou um só. Santa Melania possuía para 6.000 escravos, que ella libertou. O mesmo fizeram Chromacio e Hermes, antigos prefeitos de Roma, com seus 2.650 escravos, que elles restituiram a liberdade, ao se converterem ao christianismo. E' indescriptivel a manieira tyrannica como esses milheiros de escravos eram tratados por seus cruéis senhores. Guardados nos infectos ergastulos como vis alimarias, dali sahiam para os duros trabalhos compellidos pelo azorrague e pelas pontas dos estyletes. Ai do desgraçado que ousasse fugir e viesse a ser aprehendido. E não foi menos degradante a condição do escravo na Grecia, na Gallia, na Germania em todos os povos pagãos. Diga-me: o operario hoje está em condição inferior a tudo isto?

—Não! Só a má fé ousaria affirmar-lo.

—A má fé ou a ignorancia, meu amigo, essa ignorancia doutral ou cathedraica, de todas a peior, porque sendo mais solennemente sustentada e sustentada, embora por isso mais ridicula, é mais apta para illudir o engazupar os simplórios.

—Mas não se poderia affirmar a inferioridade do operario de hoje attendendo-se pelo menos ao grau de civilisação em que nos achamos?

—Tambem não. Porque si é verdade que os defeitos da civilisação de hoje, com as comodidades que esta ostenta e offerece, têm enervado o homem tornando-o menos apto para supportar o fardo de uma vida trabalhosa, não é menos verdade que o sentimento christão de que a nossa civilizaçãõ está impregnada attendia em muito a condição precaria de nosso operario cuja classe está hoje plenamente rehabilitada e é grandemente honrada, quando outrora o homem do trabalho era tido como um ser vilissimo e desprezível.

—Sim. Estou agora me convencendo de que se quer converter o nosso povo com erros antireligiosos e antisociaes, isto em nome de uma cultura scientifica, aviada e falsa.

—Pode estar certo disto.

Francis.

Pode-se perceber através das atas a participação de trabalhadores durante as seções. Estes reivindicavam a apresentação dos estatutos da sociedade, o que segundo ata foi resolvido mandando imprimir na Tipografia do Mensageiro Católico 400 exemplares para satisfazer aos operários. Destaca-se em ata que nesta impressão só foi cobrada à Sociedade os custos do material utilizado para impressão e mão-de-obra, descartando a hipótese de lucro, para a gráfica, que estava vinculada a Igreja Católica.

Segundo Silva Jr. (2004, p. 253), “em qualquer associação, os grupos dirigentes obtêm tal posição por meio do manejo de pelo menos um de dois tipos de recursos: o prestígio externo à associação e o prestígio interno”. O Cônego Godofredo Evers foi escolhido como Orador e Presidente de honra da S.O.J. Ele, possuía prestígio na cidade e na Sociedade por ser seu fundador. Os demais sócios escolhidos para atuarem na sociedade foram Albino Bertram como presidente efetivo, Diretores o Sr. João M. Botto Junior, Elisiario Gonçalves, Plácido M. Lages, João Pereira, Bernardo Castellacoto, Augusto A. Xavier, ambos ocupavam lugar de destaque dentro da S.O.J., compondo a primeira diretoria definitiva da Sociedade.

De acordo com Silva Jr. algumas mutuais poderiam ter sócios com designações diferentes podendo variar em “[...] sócios honorários, beneméritos, benfeitores grandes benfeitores, protetores” (2004, p. 253-254). Na S.O.J a designação de sócio honorário²⁷ era dada a alguns sócios. Na Sociedade, a troca de presidente e diretores era feita anualmente, com exceção do ano de 1913, que devido aos bons resultados que obtiveram, decidiram por deixar os mesmos. As sessões aconteciam duas vezes por mês, em alguns casos onde se fazia necessária eram feitas sessões extraordinárias, ou assembleias gerais. Nestas reuniões eram tratados assuntos referentes à conduta de alguns sócios, também era feita a prestação de contas, das entradas e saídas de dinheiro, votações referentes a aceitação de novos sócios e propostas referente ao desenvolvimento cultural, social e educativo da classe trabalhadora e suas famílias. A Sociedade Operária Jaguareense resolveu promover o quanto antes a participação das senhoras filhas dos sócios na caixa de socorros mútuos, como mandavam os artigos 44 e 45.²⁸

²⁷ O Sr. Miguel João Laff doou a S.O.J. a bandeira para mastro nas cores amarelo e azul com os dizeres “S.O. Jaguareense - Um por Todos - Todos por Um” Acervo do Círculo operário de Jaguarão (Livro de Atas 1912 p. 41).

²⁸ Acervo do Círculo operário de Jaguarão. (Livro de Atas da S.O.J., 1913, p. 63).

As mutuais étnicas²⁹ ofereciam assistência voltada para a saúde, educação, e as classistas abrangiam as áreas voltadas ao trabalho, pensões, entre outras. A S.O.J. no que se refere a propostas de assistência ao trabalhador, tem ofertas características dessas mutuais, pois ofereciam aulas noturnas, auxílio para o enterro do trabalhador e, também possuía uma Caixa de Pensões. A diretoria pelo bem faz funcionar a Caixa de economia e de pensão conforme o artigo 47 dos estatutos³⁰.

Não consta, ou melhor, não encontrei nenhum documento que fizesse referência aos requisitos necessários quanto à profissão, ou escolaridade para que um membro pudesse se lançar a cargos de presidência ou diretoria. Em 1 de abril de 1912 o senhor Theodoro Vergílio foi proposto como sócio efetivo pelo então secretário José Maria Rodrigues. Suponho que o senhor Theodoro Vergílio³¹ é o mesmo que conhecemos por Theodoro Rodrigues, e que em 1945 fazia parte da chapa oficial como componente da Comissão de Obras da Sociedade. Ele também foi diretor da Escola de Artes e Ofícios que funcionava na década de 1950 no Círculo Operário Jaguareense, e é conhecido por ser um dos fundadores do Clube Social 24 de agosto. Marcava então desde 1912 sua participação na S.O. J., o que referenda uma característica de participação da comunidade negra na Sociedade. Importante destacar que o próprio Clube Social 24 de Agosto, fundado em 1918, teve a sua primeira sede junto à da Sociedade Operária Jaguareense, quando esta funcionou na Rua 20 de Setembro, que fica na beira do Rio Jaguarão e suas principais lideranças colaboraram tanto na Sociedade como depois ao Círculo Operário Jaguareense a partir de 1948 (ESCOBAR; SILVA, 2018, p. 55).

Em trecho da ata de 1º de julho de 1922 fica evidente esta relação, onde é descrita a festa em comemoração ao dia do Padroeiro da Sociedade, São Paulo:

[...] a senhorita Osvaldina Amaro, oferecendo a imagem em quadro de São Paulo Padroeiro da Sociedade Operária Jaguareense, em nome do Clube 24 de Agosto, trabalho do diretor de mesa da Sociedade Operária Jaguareense, Theodoro Rodrigues Vergílio (Acervo do Círculo Operário de Jaguarão. Livro de Atas, 1922, p. 227).

A S.O.J. oferecia aulas de alfabetização à noite para os trabalhadores, mais tarde, os sócios pediram que esta oferta fosse ampliada a seus irmãos menores. Ficou decidido em

²⁹ Segundo Adhemar. “As mutuais étnicas mais freqüentemente ofereceriam assistência médica, enterro, ensino e cultura, ao passo que as mutuais classistas ofereceriam vários tipos de diária por dia perdido de trabalho, pecúlios e pensões, busca de emprego, defesa de interesses” (SILVA JR., 2004, p. 173).

³⁰ Acervo do Círculo Operário Livro de Atas S.O.J., 1913, p. 63.

³¹ Acervo do Círculo Operário de Jaguarão. Livro de Atas, 1922, p. 227.

reunião que os irmãos menores dos sócios, teriam acesso as aulas noturnas desde que estes sócios não tivessem renda acima de 20\$000rs. Estas aulas foram ministradas no Colégio Espírito Santo, cedida pelo Reitor e algumas salas foram equipadas sem custo para a Sociedade. Quanto aos professores teriam por parte do Reitor a licença para ministrarem as aulas. Também foi nomeada uma comissão para fiscalizar as aulas noturnas, para tal ficou responsável o senhor Carlos Danigno como presidente da comissão, e como auxiliares os sócios Maximo Echevengua e Poliybio Porto.

Os padres Antonio Sempels, Estevão Bayens, Ricardo Bosschans e Victor Cornellissens aceitaram ministrar as aulas que contavam com a participação enquanto professores como o Cônego Godofredo Evers, que também ficou responsável pela formulação de normas das aulas noturnas, e do secretário José M. Rodrigues.³²

As matrículas começaram dia 4 de março de 1912, foram impressos 400 comunicados das aulas noturnas. No dia 11 de março foi feita uma sessão inaugural das aulas, contando com a participação de alunos, docentes e vários sócios.

Após a criação das aulas noturnas, a S.O.J., tratou da implantação de algum tipo de lazer, já que a sociedade contava com grande número de jovens. Foi acertada então a compra dos itens necessários para “formar o sport da sociedade”: o esporte escolhido foi o futebol. No campo das artes, também acertaram que as projeções feitas no aparelho cinematográfico seriam de comédias e pequenos dramas, para isto nomearam uma comissão que trataria de um centro dramático³³. Além do esporte e das artes, também eram ofertadas pela Sociedade, aulas de música e um espaço reservado para a leitura. Mais tarde em sessão do dia 18 de novembro de 1912 ficou acertado que o Sr. Arcesio Siqueira teria total liberdade para trabalhar no desenvolvimento do projeto de uma biblioteca. Ainda trataram da compra de bilhares, com o objetivo de oferecer aos sócios, mais opções de lazer,

Estas diversificações de ofertas recreativas e de lazer, fez com que os sócios propusessem o aluguel de uma sede para a Sociedade, já que até o momento as aulas se davam no Ginásio Espírito Santo, e as reuniões na casa do senhor Ramão Afonso. Durante algum tempo alugaram um imóvel³⁴ e depois a sede da Sociedade foi transferida para Rua 20 de setembro defronte ao rio. Esta casa como já mencionado foi comprada do senhor

³² Acevo do Círculo Operário de Jaguarão. Livro de Atas, 02/1912, p. 8-9.

³³ Acervo do Círculo Operário de Jaguarão. Livro de Atas 1912, p. 13.

³⁴ Acervo do Círculo Operário de Jaguarão. Livro de Atas 1912. p. 19.

Hermenegildo Corrêa, e precisou de reformas. O Revmo. Cônego Antonio Sempels fez a planta desta casa, que seria a nova sede da Sociedade. Não encontramos registros dos motivos que levaram a Sociedade a mudar de endereço, mesmo depois de ter comprado e reformado a casa na Rua 20 de Setembro.

A Ordem Premonstratense retirou-se da cidade em 1914 levando todos os Cônegos, porém, a S.O.J continuou a existir e a implementar suas práticas sociais e políticas em prol da classe operária. Com a saída da Ordem Premonstratense da cidade a igreja continuou a se fazer presente, em ata no dia 15 de dezembro de 1917 o padre Orestes Trombem participa da chapa oficial para concorrer ao cargo de diretor eclesiástico, e em 1 de março de 1919 o bispo Sr. Dom Francisco de Campos Barreto manda uma carta lida pelo seu secretário ao cônego Raque³⁷ onde agradecia a S.O.J a comunicação da diretoria eleita, percebe-se através desta troca de informação que a Ordem Premonstratense mesmo longe disfrutava de certa consideração por parte de seus sócios e dirigentes. Em 7 de maio de 1948, a Sociedade Operária Jaguareense filiou-se a Federação dos Círculos Operários do Rio Grande do Sul, sendo denominada Círculo Operário de Jaguarão (COJAG).

4. CONCLUSÃO

Esta foi uma pesquisa inicial que visou caracterizar a formação da Sociedade Operária Jaguareense e que buscou contribuir para identificar melhor suas ações e seus objetivos. O livro de Atas da Sociedade é por si só, a meu ver, uma fonte de informações riquíssima, proporcionando um entendimento sobre as relações estabelecidas entre a classe operária e instituições como a S.O.J.

Saliento que procurei enfatizar os pontos que em meu modo de ver são os mais relevantes para entender os propósitos desta Sociedade. Analisei a mensagem que passavam à classe trabalhadora de Jaguarão, dentro do contexto nacional de disputas pela afirmação de uma ideologia de controle e de doutrinação. A classe trabalhadora estava cada vez mais consciente do valor de sua força produtiva, o que para determinados grupos como a Igreja/Estado e burguesia, afetavam diretamente suas estruturas, construídas sobre a base primeira do trabalho do escravizado, e depois da exploração do trabalho assalariado.

As Sociedades de Socorros Mútuos, através de suas propostas, congregavam muitos trabalhadores. Suas propostas variavam de acordo com o perfil destas sociedades, haviam desde as que alfabetizavam até as que se dispunha a oferecer bailes ou práticas esportivas. A sociabilidade construída dentro destes espaços foi útil na construção de valores, na busca por reconhecimento de direitos. A Sociedade Operária Jaguareense, possuiu várias características oriundas das Sociedades Mutualistas e Benéficas que reuniam pessoas de diversos grupos sociais, classes, profissão, com o intuito de garantir socorro a seus sócios.

Fundada em 1911, época de lutas por direitos trabalhistas, sociais e políticos, a S.O.J., contava com um relevante número de sócios. Aparentemente não faziam distinção entre negros e brancos, ou entre profissões, tendo em vista a chapa oficial para composição da diretoria de 1917. As profissões apontadas eram diversas como pedreiro, carpinteiro, tipógrafo, marceneiro, padeiro, doceiro, instalador, empregado, chofer, sapateiro, entre outras. Suas propostas eram voltadas principalmente à educação. Como exemplo temos a escola de alfabetização noturna para jovens e adultos, e prestavam auxílio no caso de falecimento do sócio. Segundo Silva Jr. as mutuais classistas davam maior ênfase a estes propósitos. Logicamente a educação oferecida, era aquela que favorecia a ideologia de uma classe trabalhadora que lutaria, de forma pacífica por seus direitos, e qualquer ato ou conduta contrária seria vista como ato de negação a Deus, a família e a pátria. Uma educação patronal, católica e calcada na lógica ideológica do branqueamento.

Propostas relacionadas ao lazer tinham o objetivo de unir os trabalhadores em um lugar que oferecesse opções recreativas, a S.O.J., formou um time de futebol, comprou uma máquina para reproduções cinematográficas, oferecia jogos de bilhar, dentre outras práticas. Também possuía características de Mutuais Benéficas, quando ofereciam ajuda em dinheiro para os trabalhadores doentes e auxílio às famílias em caso de falecimento. Neste sentido, a meu ver, as propostas da Sociedade Operária Jaguareense, causaram impacto sobre a população jaguareense, do ponto de vista cultural, social e político.

Jaguarão não contava com a oferta de alfabetização no turno da noite e a S.O.J., trouxe esta proposta aos trabalhadores para que pudessem ter acesso à educação, esta oferta era estendida a toda população. Também não contavam com espaços de socialização, que passaram a ser oferecidos por esta Sociedade. Quanto à ajuda financeira entendo que esta é oferecida exclusivamente aos sócios da Sociedade e seus familiares, e era dada em casos de doença, e auxílio à família em caso de morte.

Esta sociedade obedeceu a todo um ritual: tinha um estandarte nas cores amarelo e azul; escolheu um padroeiro, no caso São Paulo: faziam reuniões e elegiam por meio de votação seus sócios; organizavam festas em tributo ao trabalho: discursavam frisando os valores vinculados a Deus, Família e Pátria; ofereciam espaços de aprendizagem e recreação; organizaram um jornal que servia de aliado na luta a favor da moral e bons costumes e na prática da conquista de direitos de maneira pacífica que os fortalecia na luta contra ideologias como as socialistas, segundo Diehl a igreja adotou medidas que englobam vários aspectos da vida social, esta estratégia tinha o objetivo de afastar o operário de grupos que não pertenciam a igreja, eram organizados no uso de seus recursos; prestavam auxílio a seus sócios financeiramente, quando estes se encontravam em estado de vulnerabilidade; ou seja, era uma Sociedade que funcionava de forma plena no campo da assistência em Jaguarão.

Pelo que observei, tinham uma boa aceitação não só da classe trabalhadora, mas da população em geral, talvez pelo fato de que se um indivíduo vive em uma sociedade em que simplesmente não é assistido, não conta com nenhum tipo de medida que lhe garanta o mínimo de proteção, quando surgem associações com uma proposta que lhe favorece, que não se mostra indiferente às suas necessidades, a aceitação é provável. Entendo esta sociedade como uma sociedade de Socorros Mútuos por ela ter as mesmas características das sociedades mutuais benéficas, recreativas, étnico-classista, já apontadas no decorrer da pesquisa e observadas no diálogo com a bibliografia. Mesmo agindo em prol de interesses próprios, estes

espaços foram fundamentais na busca por direitos, pois proporcionaram a troca de ideias, de experiências, oportunizaram o crescimento ideológico, fortalecendo grupos que reivindicavam a criação de políticas públicas que garantissem os direitos à classe trabalhadora, dentre estes grupos destaco a comunidade negra de Jaguarão que tem na pessoa do senhor Theodoro Virgílio Rodrigues um exemplo do protagonismo exercido por esta comunidade dentro de uma sociedade onde a expectativa de assistência a educação, saúde, lazer e reconhecimento de direitos eram nulas, dentro da Sociedade Operaria Jaguareense ocupou um espaço, marcado na trajetória desta sociedade, através do trabalho desenvolvido por ele conquistou seu lugar de fala, compartilhando suas ideias estruturando novos espaços como o Clube 24 de Agosto que proporcionaram a esta comunidade o acesso à práticas para além do lazer, isto é, também educativas e culturais.

REFERÊNCIAS

Principais fontes de pesquisa

Acervo do Círculo Operário de Jaguarão: Livro de Atas da Sociedade Operária Jaguarense (1911-1948).

Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão: Jornal O Amigo do Operário (1913).

Bibliografia básica

AL-ALAM, Caiuá Cardoso; LIMA, Andréa Gama. Territórios negros em Jaguarão: revisitando o Centro Histórico. In: AL-ALAM, Caiuá Cardoso; SILVA, Adriana Fraga; FRAGA, Hilda Jaqueline; GASPAROTTO, Alessandra; FERRER, Everton; BERGAMASCHI, Maria Aparecida (Orgs.). **Ensino de História no CONESUL: patrimônio cultural e fronteiras**. Porto Alegre: Evangraf, 2013, p. 261-272.

CEREDA, Allan Mateus. **“Não tinha o que comer, botava no bolso”: Situações de classe na charqueada/frigorífico São Domingos (1950-1975)**. Jaguarão: Universidade Federal do Pampa, 2017 (Trabalho de Conclusão de Curso).

CHANTRAIN, Godofredo. História dos Premonstratenses: Averbodienses e Jauenses, atuando no Brasil, 1896-2006.

Clube 24 de Agosto (1918-2018): **100 anos de resistência de um clube social negro na fronteira Brasil-Uruguai/ Caiuá Cardoso**. AL-ALAM; VARGAS ESCOBAR, Giane; TEIXEIRA MUNARETTO, Sara (Orgs.). Porto Alegre: Ilu, 208p.

BATALHA, Claudio H. M. Formação da classe operária e projetos de identidade coletiva. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de A. Neves. (Org.). **O Brasil Republicano: O tempo do liberalismo excludente da Proclamação da República à Revolução de 1930**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, v. 1, p. 161-189.

DIEHL, Astor Antonio. **Os Círculo Operários: Um projeto sócio-político da Igreja Católica no Rio Grande do Sul (1932-1964)**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1990.

FERREIRA, Jorge; NEVES, Lucilia de Almeida (Orgs). **O tempo do liberalismo excludente da Proclamação da república à Revolução de 1930**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

Fundação de Economia e Estatística De Província de São Pedro a Estado do Rio Grande do Sul-Censos do RS 1803-1950. Porto Alegre, 1981, 330p.

F. G. V CPOD A Era Vargas: **Anos 20 Questão Social, Movimento Operário**.

LONER, Beatriz Ana. **Construção de classe. Operários de Pelotas e Rio Grande (1888-1930)**. Pelotas: Editora UFPel / Unitrabalho, 2001.

MACHADO, Carlos José de Azevedo. **Teatro Esperança de Jaguarão (RS): memória, história e patrimonialização / Carlos José de Azevedo Machado**. Editora UFPEL/Unitrabalho 2016.

MARTINS, Roberto Duarte. **A Ocupação do Espaço na Fronteira Brasil- Uruguai: A Construção Da Cidade De Jaguarão**. Tese (Doutorado em Histórias especializadas) Escola Técnica Superior de Arquitetura, da Universidade Politécnica de Catalunha. Barcelona, 2001.

SILVA, JR. Adhemar Lourenço da. **As sociedades de socorros mútuos: estratégias privadas e públicas (estudo centrado no Rio Grande do Sul–Brasil, 1854-1940)**. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2004.

SELBACH, Jeferson Francisco; BRUM, Rosemary Fritsch. **Ruralização e viverem fronteira: Jaguarão/RS**. Porto Alegre/RS. Animal, 2017.

SOARES, Eduardo Álvares de Souza; FRANCO, Sérgio da Costa (org). **Olhares sobre Jaguarão**. Porto Alegre: Evangraf, 2010.

ANEXOS

Anexo 1: Quadro de Membros da S. O. J³⁵ de 1911 a 1917

Presidentes	Diretores	Socios
Congo Codofredo Evers-Albino Bertran- João Martins Botto Junior- Joaquin Francisco Martins- Manoel Verdade -Jose Brigido Salgado, D. Francisco Campos Barreto (Presidente de Honra) -Marcellino Ferreira da Costa...	Alfredo da Silva Vieira-Conego Godofredo Evers(diretor Eclisiastico) João Francisco de Lima- Jose Maria Carmello- Arthur Brentran-Augustinho Pereira Silva-Jose Lus Correa, Idelfonso Ribeiro, João Francisco Lima, Alfredo da S. Vieira, Jorge Caetano Pereira, Theodoro Ribeiro, Arthur Magalhães, Miguel Echabe, Adolpho Pagliani, João Carvalho de Oliveira ...	Elisario Gonçalves- Pohybio Porto-Julio Francisco Rocha- Angelo Bomgalhardo-Augusto Alves Chavier -Lazaro dos santos-Virgilio Pereira-Arthur Ferreira Lameira-João Gonçalves Perira Borges--Hermenegildo Marques- Carlos de Lellis- Gabriel Chrispin Dias- Osmar Ribeiro-Getulio Soares-Antonio Rodrigues- Zeferino Barbosa Machado-Theophilo Dias- Antonio Ramão Gonçalves- Maximiano de Lima- Candido Villas Boas-Hellio Pinto Afonso- Jose Maria Rodrigues-Abel Gonçalves-Francisco Oxlei- Heitor Eugenio de Moraes- Joaquin Lino de Souza...

³⁵ Acervo do Circulo Operário de Jaguarão (livro de Atas Da S.O.J., 1911-1917,Pg. 25-29-73-83-87-88-89-98-102-103-116-118-131)

Estes são apenas alguns nomes tirados de forma esporádica como exemplos de alguns membros pertencentes a S.O J.

